

UNIVERSIDADE

pública



JUL_AGO /2010
ano 10. nº56

Envelopamento autorizado, pode ser aberto pela E.C.T.

IMPRESSO

Maturidade saudável

Atividades de pesquisa e serviços de extensão desenvolvidos na UFC buscam melhorar a vida de quem tem acima de 60 anos

Cidadania

Óleo de Gordura Residual pode gerar riqueza ajudando o meio ambiente

Docência

Regime integral de dedicação exclusiva dos professores universitários em discussão

Você sempre realizou os sonhos do seu filho. Chegou a hora de realizar o seu.

Financie seu veículo com o Banco do Brasil sem pagar tarifas na contratação. Você tem uma das menores taxas, prazo de até 72 meses e até 59 dias para pagar a primeira prestação. Esse momento é todo seu. Procure sua agência.

Sujeito à análise de crédito e demais condições dos produtos. Saiba mais no bb.com.br.

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001
SAC 0800 729 0722 — Ouvidoria BB 0800 729 5678 — Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088

É DO BRASIL



Todo seu

UNIVERSIDADE **pública**

Revista de valorização e promoção da produção científica, tecnológica e cultural da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista **Universidade Pública**
Av. da Universidade, 2853
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone/Fax: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editor
Gustavo Colares/CE01861JP

Reportagens
Cristiane Pimentel/CE01863JP
Gustavo Colares/CE01861JP
Hébely Rebouças/CE2180JP
Inês Aparecida/CE1086JP
Simone Faustino/CE02133JP

Fotos
Júnioranela/CE00100RF
Francisco Menezes

Estagiários de Fotografia
Chico Célio
Davi Pinheiro

Direção de Arte
Diego Normandi

Estagiários de Publicidade
Pedro Grangeiro
Rayana Vasconcelos

Revisão
Maria das Dores de Oliveira Filgueira
Sílvia Marta Costa

Tiragem
5.000 exemplares

Periodicidade
Bimestral

CTP e impressão
Expressão Gráfica

Viver a maturidade

O leitor de *Universidade Pública* já deve ter ouvido que o Brasil caminha para ser um País de velhos. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) indicam que, em 2040, haverá mais pessoas com idade acima de 60 anos vivendo em cidades brasileiras do que crianças entre 0 e 14 anos. Os idosos serão um contingente de 55,5 milhões de brasileiros – nada menos que 26,8% de nossa população. Antes exclusivamente relacionada a limitações do corpo, diminuição da força e falta de ritmo, a vida após os 60 anos tem recebido cada vez mais a atenção de pesquisadores e médicos que, a partir da prevenção e de políticas públicas voltadas para o bem-estar do idoso, apostam ser possível evitar ou retardar os efeitos negativos na chamada terceira idade.

Nesta edição, a repórter Hébely Rebouças apresenta ações desenvolvidas na UFC que buscam melhorar a vida dessa população, como o Centro de Atenção ao Idoso e o Instituto de Geriatria e Gerontologia, que oferecem serviços ambulatoriais, atendem pacientes acometidos pelo mal de Alzheimer, prestam serviços de psicologia e fisioterapia, além de apoiar ações de pesquisa e extensão voltadas para idosos. Na Universidade, também tem papel fundamental o Núcleo de Estudos da Longevidade, que congrega mais de 30 atividades de extensão nessa área, a exemplo do Projeto de Inclusão Social na Maturidade (Prisma).

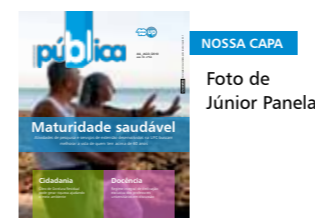
Outra reportagem aborda a possibilidade de regulamentação do regime de dedicação exclusiva dos docentes das universidades federais, discussão que envolve, desde 2008, o Governo Federal e os sindicatos de classe. Para isso, *UP* apresenta os motivos que levaram dois professores da UFC a optar por se incluir ou retirar-se do regime integral da carreira de Magistério Superior.

Outra preocupação desta edição é com o alimento que comemos fora de casa. Pesquisa do Instituto de Ciências do Mar (Labomar) mostrou ser alto o índice de contaminação das ostras consumidas no Estado. Ingeri-las cruas ou mal cozidas pode representar riscos e desencadear doenças gastrointestinais.

A entrevista desse número é com o professor e médico Huygens Garcia, Chefe do Serviço de Transplante de Fígado do Hospital Universitário Walter Cantídio, um entusiasta da missão de salvar vidas através dos transplantes de órgãos. O recorde de 147 transplantes de fígado e rim realizados ano passado fez do HUWC o maior centro de saúde do Norte-Nordeste nesse tipo de procedimento cirúrgico, consolidando-o também como unidade de referência nacional.

A equipe de *Universidade Pública* agradece à jornalista e historiadora Ana Rita Fonteles por sua dedicação à revista ao longo da última década, ao mesmo tempo em que deseja os melhores votos em sua mais nova e promissora carreira de docente do Departamento de História da UFC. Esperamos continuar contando com sugestões e críticas dos nossos leitores, fazendo com que *UP* permaneça no centro dos debates acadêmicos e siga como referência do jornalismo científico praticado no Estado do Ceará.

Gustavo Colares
EDITOR UP



NOSSA CAPA

Foto de
Júnioranela



12 CAPA

PAÍS DE IDOSOS

Brasil terá, em 2040, mais de 55 milhões de pessoas acima de 60 anos. Conheça ações já desenvolvidas na UFC que buscam melhorar a vida e a saúde dessa população

5 ENTREVISTA HUYGENS GARCIA

O Chefe do Serviço de Transplante de Fígado do Hospital Universitário Walter Cantídio fala sobre como a unidade tornou-se referência nacional nesse tipo de cirurgia



18

AJUDANDO O MEIO AMBIENTE

Estudo feito por grupo de pesquisa da UFC também destaca potencial econômico do Óleo de Gordura Residual de nossa rede de esgoto

24

TALENTO INESQUECÍVEL

Morto há 90 anos, o compositor e regente cearense Alberto Nepomuceno tem sua trajetória lembrada

30

CARREIRA DOCENTE

Universidade Pública apresenta os motivos que fizeram dois professores da UFC optarem por mudança em seus regimes de trabalho

33

ATLETAS DO CONHECIMENTO

Através das olimpíadas de Ciências, UFC consolida sua participação no universo escolar e na melhoria da Educação Básica

ENTREVISTA

por Gustavo Colares

Referência em salvar vidas

O Hospital Universitário Walter Cantídio, da Universidade Federal do Ceará, consolidou-se, em 2009, como unidade de referência nacional em transplantes de órgãos. Enquanto 82 vidas foram salvas por meio de transplantes de fígado, 65 pessoas conseguiram um novo rim e começaram a ter uma vida normal. O recorde de 147 transplantes fez do HUWC o maior centro de saúde do Norte-Nordeste nesse tipo de procedimento cirúrgico.

Com a ajuda substancial do setor de transplantes do Hospital Universitário, o Estado do Ceará atingiu, de acordo com dados do primeiro trimestre de 2010 divulgados pela Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos (ABTO), a segunda maior taxa de doação de órgãos do Brasil – 19,1 doadores por milhão de população, atrás apenas de São Paulo (22,6 pmp). Para se ter uma ideia do esforço cearense, a taxa proposta pela ABTO é de 10 pmp.

Desde maio de 2002, já foram realizados 465 transplantes no Hospital Universitário. Por outro lado, durante o mesmo período, 240 pacientes não resistiram e vieram a óbito na fila de espera. A situação é crítica porque em 2010 já faleceram 14 pacientes, apenas quatro a menos que constatado em todo o ano passado.

À frente do Serviço de Transplante de Fígado do HUWC, o professor e médico Huygens Garcia é um entusiasta da missão de salvar vidas através dos transplantes de órgãos. Ele defende melhor formação dos estudantes de Medicina, estrutura física mais adequada para o HUWC e novas ações de educação e sensibilização, para que apareçam, com mais frequência, famílias que aceitem doar os órgãos de seus parentes mortos. Segundo ele, a meta a ser atingida este ano é de 100 transplantes de fígado realizados pelo Hospital Universitário. Até o dia 4 de julho já haviam sido transplantados 50 pacientes.

Na entrevista a seguir, entre outros temas, Huygens Garcia cita a Espanha, referência mundial em captação e transplante de órgãos, expõe problemas estruturais vividos pelo HUWC que impedem a realização de mais transplantes e explica como é possível, através de apenas um fígado doado, salvar duas vidas.



Universidade Pública - Em 2009, o HUWC se firmou como centro de referência em transplantes no N-NE. Qual o significado dessa conquista?

Huygens Garcia - O HUWC tem tradição em transplantes. O primeiro transplante de rim do N-NE foi realizado neste Hospital, em 1977, por equipe coordenada pelos professores João Evangelista, Antonio Lacerda Machado e Ailson Gurgel. Em 2002, após treinamento de equipe em cirurgia experimental em suínos – no ambulatório do Departamento de Cirurgia, no centro cirúrgico experimental e, principalmente no exterior, na Espanha –, conseguimos realizar, com sucesso, o primeiro transplante de fígado no Estado do Ceará, no dia 18 de maio de 2002. Naquele primeiro ano, realizamos oito transplantes. No segundo, 28. De tal forma que no ano de 2009 realizamos 82 transplantes de fígado e o nosso centro de transplante ficou configurado entre os três maiores do Brasil. Isso é importante para o nosso Estado e nossa Universidade porque o transplante de fígado é um procedimento de altíssima complexidade, requer que o Hospital melhore em todo o seu conjunto. Temos ainda de melhorar seu laboratório, melhorar sua tomografia e ressonância, onde existem falhas. Nós não dispomos, no HUWC, por exemplo, de uma ressonância magnética nuclear. Acredito que a tecnologia de ponta deve vir primeiro para o hospital universitário, pois é onde tem ensino, pesquisa e extensão. Sabemos que a UFC é responsável pela maior parte de pesquisa e produção científica do nosso meio, mas temos uma tomografia antiga, muito fraca do ponto de vista da imagem, que deixa muito a desejar. O nosso serviço de transplantes é referência nacional. Isso, para o nosso Estado, é um peso muito grande. O HUWC atende pacientes pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e de outros estados, recebemos rotineiramente gente do Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e de estados da região Norte, como Amazonas, Pará, Amapá, além de pacientes da região Centro-Oeste, de Brasília e Goiás. Isso porque,

no Nordeste, só temos transplante de fígado aqui no HUWC, em Recife e em Salvador. Tudo isso é muito importante para atender à população do nosso Estado e de estados vizinhos e fazer com que o HUWC cresça de modo progressivo. É importante crescer em tecnologia, fazer mais transplantes e procedimentos alternativos. Hoje a Medicina está muito ligada à tecnologia, mas o HUWC está deitado em tecnologia.

UP - No primeiro trimestre de 2010, o Ceará foi destaque em taxa de doação de órgãos, atrás apenas de São Paulo. O que explica essa participação positiva cearense no cenário nacional?

HG - O Ceará já tem uma história de fazer muitos transplantes. No caso dos de coração, o Estado tem destaque com o Hospital de Messejana. O Estado sempre ocupa o primeiro ou o segundo lugar no número de transplantes de coração. Em segundo lugar, o papel desenvolvido pela Central de Transplantes do Ceará, que otimiza o trabalho das equipes de captação de órgãos, tentando de todas as formas melhorar o diagnóstico de morte encefálica – embora ainda estejamos longe do ideal – e a manutenção do doador. Isso porque o paciente diagnosticado com morte encefálica tem todas as suas funções vitais prejudicadas, só está respirando com aparelho respirador e sua pressão é mantida somente por medicamentos. Esse doador precisa de manutenção criteriosa em princípio, no que houve melhora. O lado negativo é que muitos desses estão nos corredores porque não existem vagas suficientes de UTI para atender à demanda crescente.

UP - Como se dá a articulação entre o setor de transplantes do HUWC e os alunos da Faculdade de Medicina da UFC?

HG - Os serviços de transplantes do HUWC, tanto de fígado quanto de rim, são integrados à Universidade. Temos internos do último ano que passam um período no serviço de transplantes do Hospital. Coordenado

a Liga de Transplante de Fígado, que atua, principalmente, com pesquisa e trabalho de prevenção e orientação da população. Ela conta com estudantes da graduação, bolsistas de extensão, da Funcap e do CNPq, que sempre fazem um trabalho muito grande de palestras, em estabelecimentos de ensino, sobre transplantes e doação de órgãos, além de pesquisas. Nós publicamos na *American Journal of Transplantation*, revista de impacto mundial, estudos de 12 transplantes de órgãos através de doadores que tiveram morte encefálica a partir da intoxicação por carbamato, o chumbinho. Mostramos que após 48 horas esse chumbinho não está mais na circulação sanguínea e esses órgãos, que antes não eram aproveitados, passaram a ser transplantados com sucesso em 93% dos procedimentos cirúrgicos. O estudo teve impacto muito grande. Desses pacientes podem ser aproveitados o fígado, o rim, o coração. Mostrou-se à comunidade internacional que é possível utilizar com segurança esses doadores, já que no nosso meio há uma relativa frequência de tentativa de suicídio ou de morte acidental por intoxicação com chumbinho, um veneno que a população utiliza para combater ratos.

UP - As campanhas de incentivo à doação de órgãos são ainda um tanto ineficazes. O que fazer para incrementar a quantidade de transplantes no Ceará e quais têm sido os impedimentos enfrentados para conseguir esse aumento?

HG - Para aumentar o número de transplantes com doador falecido é preciso cumprir quatro etapas. A primeira é a notificação, em que todos os hospitais, quando houver paciente com morte encefálica, informam à Central de Transplantes do Estado do Ceará, vinculada à Secretaria de Saúde, para que as etapas do diagnóstico sejam completadas. A partir de uma primeira avaliação clínica evidenciando a morte encefálica, seis horas depois ocorre a segunda avaliação para confirmá-la. Em seguida há a

"Existe uma lei não cumprida, que diz que todo hospital com mais de 80 leitos, público ou privado, deve ter comissão de notificação de doação de órgãos. Mas a maioria não tem e os que têm estão somente no papel"

utilização de método complementar, geralmente um eletroencefalograma ou um *Doppler* mostrando que não há mais circulação no cérebro, que o cérebro morreu. Também é feito exame de sangue, mostrando que aquele doador não tem doenças infectocontagiosas, como Aids, hepatite B ou C. Feito isso, por último busca-se o consentimento familiar, que autoriza a doação. Então, tem que haver mais notificação, pois o diagnóstico de morte encefálica é muito lento no nosso meio. Faltam profissionais. O Instituto Dr. José Frota (IJF), hospital onde existe o maior número de doadores, até pela sua própria característica de atender pacientes com traumas, tem uma sobrecarga muito grande; pacientes não têm vaga na UTI, há pacientes em corredores. A demora em perceber o estado do paciente faz com que sua avaliação só ocorra depois de muitas horas e, assim, perdem-se doadores. Eu diria que o maior problema atual do Ceará é a demora do diagnóstico de morte encefálica.

UP - Quantos transplantes o HUWC deixa de fazer por não ter ainda uma estrutura adequada?

HG - Fazemos todos os transplantes com doadores falecidos, mas precisamos partir para as técnicas alternativas. Fizemos este ano outro tipo de transplante de alta complexidade, o chamado transplante dominó, em paciente proveniente de Alagoas. Ele tinha 28 anos, uma doença metabólica e genética chamada polineuropatia amiloidótica familiar (PAF), comum entre descendentes de Portugal, além de ser irmão do primeiro paciente que recebeu transplante dominó realizado no HUWC, há quatro anos. Seu fígado é normal sob todos os aspectos, mas produz uma proteína anômala que, a longo prazo, vai se depositando no sistema nervoso e o paciente, geralmente aos 30 anos, começa a ter dormências nos membros, diarreia, disfunção erétil, paraplegia e óbito. Esse paciente que recebeu o órgão de um doador falecido teve o fígado dele transplantado em um homem de 59 anos. Este consentiu receber o órgão de um doador com PAF, pois sabemos que esse paciente poderá ter sintomas da doença daqui a 30 anos. Quando ele tiver 90 anos poderá apresentar sintomas da doença, como dormência nos dedos, e aos 100 anos poderá ficar paralítico, mas isso é uma expectativa de vida bem acima da que corresponde à nossa no Brasil. Ou seja, com um doador fizemos dois transplantes, realizados ao mesmo tempo. Os dois pacientes estão muito bem e receberam alta entre sete e dez dias após a cirurgia. Onde podemos avançar: nos transplantes *split-liver*, que é a divisão do fígado de doador falecido. Nesse caso, para ter partido o fígado, o doador tem de ser muito bem mantido, com menos de 45 anos e apresentar exames normais. Dez por cento dos doadores podem ter seu fígado partido para duas pessoas. Ou seja, poderíamos fazer 10% de transplantes a mais, um número importante. Essa modalidade de transplante beneficia muito as crianças, porque a parte maior do fígado, a direita, se coloca no

adulto, e a parte menor em criança de menos de 30 kg. Adquirimos através de convênio com a Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) e o Prof. Odorico de Moraes, do Laboratório de Farmacologia, um bisturi específico para que esse procedimento seja feito. Em breve, vamos fazer, mas temos deficiência técnica, precisamos avançar no transplante pediátrico. Não temos UTI pediátrica no HUWC, o que seria essencial para que seja possível fazer transplantes pediátricos e sermos também referência no N-NE. A criança tem características diferentes, não se pode deixá-la em UTI adulta, pois é o que temos de mais nobre na nossa sociedade.

UP - Os hospitais universitários federais ainda possuem estruturas precárias, por isso o Governo Federal instituiu este ano o Programa Nacional de Reestruturação dos Hospitais Universitários Federais (Rehuf), que pretende corrigir as deficiências. Com isso, será possível aumentar o número de transplantes no HUWC?

HG - O nosso Hospital está endividado, o que compromete todo o processo porque os fornecedores não querem repassar equipamentos. Isso é um fator que precisa ser corrigido. Acredito que a UFC tem-se envolvido, há prioridade de reestruturar o HUWC, isso é essencial. O que queremos e pretendemos é trabalhar com todos os recursos disponíveis, pois somos um hospital formador de médicos e de profissionais da área de saúde. É preciso, portanto, que o HUWC tenha todos os equipamentos de ponta e melhore toda a sua área física.

UP - Na Espanha, há 34 doações por milhão de habitantes e apenas 16% das famílias se recusam a doar órgãos de parentes falecidos. O que falta ao Brasil para chegar a esse índice espanhol?

HG - A quantidade de doadores está estável, apesar de termos um potencial muito grande para crescer. Na Espanha, que tem o melhor sistema

de captação de órgãos no mundo, não há morte encefálica porque alguém levou um tiro na cabeça ou não usava capacete. Aqui, principalmente no Interior, isso é frequente. Então, aqui temos potencial de ter mais doadores, embora por causa de aspectos que precisam ser corrigidos. Mas, por outro lado, sabemos que com o envelhecimento da população aumentou a longevidade, isso na Espanha e no Brasil também. Então, passa-se a ter morte cerebral por outras causas, como acidente vascular cerebral (AVC) e aneurisma cerebral. A maioria dos doadores na Espanha tem acima de 60 anos, não sofreram nenhum trauma. Falta no Brasil educação e informação, e isso tem de ser prioridade. Quanto mais desenvolvido é o país, quanto mais educação tem o país, maior o número de doadores. As campanhas de doação de órgãos são importantes, mas temos de começar essa luta desde o nascimento, com nossas crianças alfabetizadas, que elas cumpram pelo menos o colegial e tenham informações precisas sobre transplantes e doação de órgãos. É isso o que faz a diferença.

UP - Segundo dados da ABTO, 60 mil brasileiros aguardam, hoje, por um transplante. Em que condições está a fila de espera por um órgão no Ceará?

HG - Por determinação do Sistema Nacional de Transplantes, órgão vinculado ao Ministério da Saúde, a fila é única por Estado. E por grupo sanguíneo, em relação ao fígado. Depois que a família consente a doação, é aberto um ranking on-line, informatizado, onde o primeiro paciente da fila, que é o mais grave, receberá o transplante. Em relação ao transplante de rim, no Ceará é feito no HUWC, no Hospital Geral de Fortaleza (HGF) e no Hospital Joaquim Bezerra de Farias, no Crato. Quando tem o doador, o mais compatível, o órgão vai para um desses três hospitais. Já em relação ao fígado, a fila é uma só. Quando é aberto o ranking do grupo sanguíneo, o órgão vai para o paciente em estado mais grave. Essa gravidade é avaliada

por um escore chamado MELD (modelo para doença hepática terminal), que avalia três exames de laboratório, numa equação logarítmica. Quanto maior esse número, que varia de seis a 40, maior a gravidade. Há 187 pacientes na fila de espera por um fígado, no HUWC. O que chama a atenção, mesmo com o aumento a cada ano no número de transplantes, é que muitos pacientes ainda morrem na fila. A modalidade de transplante com doadores vivos é consequência da falta de doadores falecidos, pois o número não atende à demanda crescente. É a possibilidade para atender a pacientes que não vão conseguir esperar o tempo necessário da fila de espera. Até 2006, a fila não tinha escore de gravidade, era ordem cronológica. Era pior porque o doente mais grave morria; a não ser que se arranjassem doador vivo, porque passava dois anos na fila de espera. Agora não, o mais grave é o primeiro da fila. Mas mesmo assim há determinados casos que não chegam ao escore alto de MELD e acabam morrendo. Existe uma lei que não é cumprida, uma portaria que diz que todo hospital com mais de 80 leitos, público ou privado, deve ter comissão de notificação de doação de órgãos. Mas a maioria não tem e os que têm estão somente no papel, de fato não existe. Isso reduziria a fila de espe-



"A maioria dos doadores na Espanha tem acima de 60 anos, não sofreram algum trauma. Falta no Brasil educação e informação, e isso tem de ser prioridade"

ra por transplantes porque teríamos mais doentes notificados e mais pacientes transplantados.

UP - Recorre-se aos doadores vivos porque ainda há resistência da população em consentir a doação dos órgãos de um parente já falecido. Como essa modalidade funciona?

HG - Há duas formas: de adulto para criança, em que a parte esquerda lateral, a menor do fígado, vai para a criança; e de adulto para adulto, em que o doador dá 60% do seu fígado para o receptor. Essa cirurgia é feita em São Paulo, Rio Grande do Sul, em todo o mundo, é segura. Mas o ideal é que não precisemos lançar mão do doador vivo. O Ceará é um estado de oito

milhões de habitantes, mas as doações estão muito vinculadas a Fortaleza. É preciso expandir as doações e cirurgias de transplantes para o Cariri – onde há mais de 1,5 milhões de pessoas – e para a Região Norte do Estado. No HUWC, temos quantidade pequena de leitos, o que não atende à nossa necessidade; é preciso que tenhamos a nossa Unidade de Transplantes.

UP - Quais garantias de segurança e confiabilidade são apresentadas à família de um paciente para que ele se torne um doador em potencial?

HG - A família tem de estar consciente de que a morte encefálica é algo irreversível. Uma vez dado esse diagnóstico, feito com todos os critérios de segurança referendados pelo Conselho Federal de Medicina, o coração desse paciente vai parar em questão de horas, no mais tardar em dois ou três dias. Isso não tem jeito, é mesmo irreversível. É de extrema importância que a família, naquela hora de dor e trauma, possa ter certeza de que aquele órgão vai ser disponibilizado para o paciente mais grave, de acordo com os critérios estabelecidos pelo Sistema Nacional de Transplantes,

sem nenhuma interferência política, econômica ou social. Não precisa ter convênio de saúde, é um critério exclusivamente técnico. A fila de espera por um transplante é constantemente auditada, os próprios doentes sabem da sua posição, quem tem escore MELD alto, por exemplo, sabe da sua posição. E há também a Associação dos Pacientes Transplantados, que traz uma confiabilidade muito grande, fazendo com que a fila seja auditada pela própria sociedade. O sistema é muito justo, ético e correto.

UP - Qual o perfil do doador morto no Ceará? Ele se repete em outros estados do Brasil e se diferencia de outros países?

HG - Em todo o Brasil tem-se o mesmo panorama, mas diferente da Europa. É o adulto jovem, menor de 50 anos, cuja causa do óbito foi trauma. Em primeiro lugar, acidente automobilístico; trauma ou espancamento, em segundo. Nos países desenvolvidos da Europa, a maioria dos doadores são pacientes com idade superior, em torno de 65 anos, que apresentaram doenças degenerativas cerebrais, principalmente AVC isquêmico.

"O Ceará é um estado com oito milhões de habitantes, mas as doações estão muito vinculadas a Fortaleza. É preciso expandir as doações e os transplantes para o Cariri e para a Região Norte"

UP - Qual a sobrevida dos pacientes transplantados de fígado e como se dá o seu acompanhamento?

HG - O paciente que recebe qualquer que seja o órgão tem acompanhamento permanente. No caso do fígado, isso é feito de perto por todo o primeiro ano. A alta do hospital normalmente acontece de 10 a 12 dias depois da cirurgia. No primeiro mês, o transplantado é acompanhado uma vez por semana, realizando exames, pois ele está utilizando fármacos para evitar que o órgão sofra rejeição; essas drogas têm de ser medidas, avaliadas. Depois de seis meses, a dose já atinge menor nível possível. Eu diria que o paciente que recebe um órgão, no caso do fígado, passa a ter uma vida normal. Pode praticar esportes, ter filhos. A única restrição é não ingerir bebidas alcoólicas, pois é tóxico para o fígado, um órgão nobre, e o transplantado não pode correr o risco de perdê-lo novamente. De três a cinco anos depois do transplante, o paciente está muito bem, sua sobrevida é extremamente semelhante à da população normal. ¹⁰

PARA ENTENDER E CELEBRAR A LUSOFONIA



Depois de revisitar o Maio de 1968 e a obra de Patativa do Assaré, o Festival UFC de Cultura desembarca na África para refletir sobre as influências e diálogos possíveis com o continente

Ele já começou grande, fazendo ecoar em sua proposta o espírito dos debates, manifestações e de toda a ideologia dos anos 1960, especialmente o emblemático Maio de 1968. Em seguida, fez do legado do poeta do Sertão Patativa do Assaré o ponto de partida para mostrar a riqueza da região Nordeste. Em sua edição 2010, marcada para o período entre 18 e 22 de outubro, o III Festival UFC de Cultura abraça o lema “Ceará, África, Lusofonia: Encontros e Diálogos Além-Mar” para aprofundar-se nas relações entre as identidades cearense e africana.

Haverá uma rica programação contemplando música, cinema, literatura, artes visuais, teatro, moda, gastronomia, Sociologia, Economia e Relações Exteriores. Essas três últimas áreas serão abordadas com propriedade pelos intelectuais e políticos convidados para o seminário que leva o mesmo nome do Festival. Estão confirmados Daniel Pereira (Embaixador de Cabo Verde no Brasil); Alain Pascal Kaly (senegalês e professor da Universidade Es-

tadual do Rio de Janeiro); Kabengele Munanga (congolês e professor da Universidade de São Paulo); e Filipe Zau (pedagogo e músico angolano), que participarão de mesas-redondas sobre o Estatuto da Igualdade Racial, a diversidade da cultura africana e o ensino de História da África. Já convidado, o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, deve ministrar a conferência “Integração Sociocultural Brasil-África”.

As mais de 30 oficinas privilegiarão o universo africano. Formações em danças e instrumentos típicos, como kuduru e puita (tambor esburacado), penteados africanos e culinária tradicional estão entre as opções. Oficinas de rádio, rabeca (violino comum no Nordeste) e confecção de instrumentos de capoeira, dentre outras, também serão ofertadas.

Entre os momentos mais esperados do evento estão os shows musicais, que acontecerão nos campi do Pici e Benfica. Os palcos da UFC receberão a cantora caboverdiana Mayra Andrade, revelação em seu país; o músico paraibano Chico César; e o sambista carioca Mart'nália e o Coral da UFC. Outros artistas de renome local e nacional foram convidados, como Armandinho, Manassés e o sambista Paulinho da Viola.

O Museu de Arte da UFC já se prepara para montar, em sua estrutura, exposições sobre a obra do artista

plástico cearense Descartes Gadelha, bem como sobre artesanato e pintura africanos. Feiras de artesanato e gastronomia, mostra de bandas universitárias e apresentações de grupos de cultura popular, como os de Tambor de Crioula Catarina Mina e Mestre Apolônio (ambos do Maranhão), acontecerão em parceria com cursos de graduação e a comunidade africana da Instituição. Outro destaque é a mostra “Independências”, que apresentará, na Casa Amarela Eusélio Oliveira, reduto do audiovisual da UFC, produções cinematográficas africanas não exibidas em circuito comercial.

Os dias reservados ao III Festival UFC de Cultura prometem ser ainda mais movimentados que os das edições anteriores. É que, pela primeira vez, o evento ocorrerá simultaneamente aos Encontros Universitários, iniciativa que expõe a produção da Universidade nos campos de ensino, pesquisa e extensão. A realização conjunta deve potencializar e qualificar a semana como encontro da comunidade universitária internamente e, ao mesmo tempo, estabelecer uma ponte viva com a comunidade externa. “Podemos prever que o fluxo de pessoas se dará em mão dupla nos Encontros Universitários, incrementando a relação universidade-sociedade. E o Festival atrai pessoas de dentro e de fora da UFC, oportu-

nizando que as atividades ocorram com maior interação. Como consequência, os Encontros Universitários passarão a ter uma nova cara, ultrapassando seu padrão de ser um encontro voltado apenas para a apresentação de trabalhos acadêmicos”, explica o Prof. Custódio Almeida, Pró-Reitor de Graduação e Diretor do Instituto de Cultura e Arte (ICA).

O III Festival privilegia as relações entre a África e o Ceará porque o Estado foi pioneiro no Brasil, ao decretar, ainda em 1884, o final da escravidão. O ato fez do município de Redenção e da província cearense símbolos da luta abolicionista. É essa mesma cidade que traz mais um motivo de orgulho para o Estado: será a sede da Universidade da Integração Internacional Luso-Afro-Brasileira (Unilab), segunda Instituição Federal de Ensino Superior aqui implantada. Com início das atividades marcado para 2011, ela receberá cerca de 3.500 estudantes de países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), formada por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Além do advento da Unilab, a UFC firma laços com a África através do Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), promovido pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI). A iniciativa permite que estudantes daquele continente cursem toda a graduação na Universidade, para que possam voltar aos seus países e contribuir com o desenvolvimento local. Atualmente, estão envolvidos no programa 137 alunos africanos e, segundo a Profª Maria Elias Soares, Coordenadora de Assuntos Internacionais da UFC, já é comemorado no mês de maio, há seis anos, o Dia da África na Instituição.

“A UFC está desde 2008 na comissão de implantação da Unilab. Por isso, o tema já estava em pauta na Universidade há anos, principalmente por causa da atuação do PEC-G e do seu equivalente na pós-

graduação, o PEC-PG. Achei o tema muito oportuno, pois mostra que a Instituição está aberta a uma visão global e internacionalista, dando espaço à cultura como ação acadêmica”, destaca Maria Elias.

Com tal presença no Estado, nada mais justo que usar uma raiz em comum – o idioma – para abordar as especificidades da África, bem como sua influência sobre a cultura dos países lusófonos. De acordo com o Coordenador de Comunicação Social e Marketing Institucional da UFC, jornalista Paulo Mamede, o compromisso é colocar a Universidade à frente das vanguardas culturais do Estado, assumindo seu papel de instituição formadora, produtora e difusora da cultura e congregando comunidade acadêmica e sociedade em torno de eventos como esse. “Podemos afirmar que o Festival já foi institucionalizado como política da UFC”, assegura.


Outra aproximação entre a UFC e o continente africano ganhou força depois da aprovação da lei que inclui no currículo escolar o ensino de história e cultura da África. Por isso, o Departamento de História da Instituição volta a oferecer turmas do Curso de Especialização em História da África, destinado, prioritariamente, a professores da rede municipal.

Entre os apoiadores do III Festival UFC de Cultura, estão Governo do Estado do Ceará, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Prefeitura Municipal de Fortaleza e Companhia Energética do Ceará (Coelce).

Ecos da resistência, riquezas do sertão

O I Festival UFC de Cultura ocorreu, entre 26 e 30 de maio de 2008, com vasta programação de conferências, mostras de cinema e teatro, exposições, lançamentos de livros, intervenções artísticas, apresentações de cultura popular e bandas universitárias e shows. O seminário “Ecos de 68” trouxe à tona temas como

“Movimento Estudantil - 40 anos depois”, “Comportamento, Gênero e Transgressão”, “Financiamento e Leis de Incentivo à Cultura”, “Realidade e Perspectiva da Cultura na UFC”. O espaço Cultura no Bosque foi ocupado por reisados, bandas cabaçais, grupos de teatro, dança, música popular e até por torés indígenas. Enquanto o Museu de Arte da UFC (Mauc) abrigou a exposição “Bandeira Quarenta”, que homenageou os 40 anos de criação da sala permanente dedicada ao artista cearense Antônio Bandeira, a Concha Acústica recebeu shows de Fernanda Takai, Otto, Cidadão Instigado, Parahyba e Cia. Bate Palmas, Cabruêra e Pantch e as Rochas.

Já em 2009, o mote foi o centenário de nascimento de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. Sob o tema “Ecos Nordeste, Cultura e Desenvolvimento”, o II Festival UFC de Cultura repetiu o sucesso da primeira edição em maratona semelhante à de 2008, entre os dias 9 e 13 de novembro. O debate intelectual foi garantido através da presença de conferencistas como Robert Cervero, Emir Sader, Fausto Nilo e Antônio Magalhães, dentre outros. O homenageado da vez teve vida e obra contadas pela exposição “Patativa Centenário”, promovida pelo Mauc. O acervo foi composto por fotografias do premiado cearense Tiago Santana e xilogravuras do artista João Pedro “do Juazeiro”. Nos shows, destacaram-se o cearense Fagner, a pernambucana SpokFrevo Orquestra e o carioca Lucas Santtana, além da dupla cearense Ítalo & Renno. 

MAIS INFORMAÇÕES NO SITE

www.festivalufcdecultura.ufc.br
Sugestões podem ser enviadas através do e-mail festivalufc@gmail.com

E que seja bem-vinda a maturidade!

por Hébely Rebouças

A UFC faz sua parte

Mas a responsabilidade sobre o setor não é só de governos e prefeituras. A UFC sabe disso, está atenta ao fenômeno do envelhecimento e, hoje, é referência nacional no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão com foco no idoso. Segundo Macedo, pouquíssimas universidades brasileiras têm programas dedicados a esse contingente. “O envelhecimento não tem sido objeto de preocupação do poder público e isso acaba se refletindo na academia”, explica.

De acordo com o médico, a UFC é a única instituição pública de ensino superior do Norte e Nordeste a oferecer vagas para residência médica na área de geriatria, em hospital universitário. Além disso, é ainda uma das poucas no País a incluir a disciplina obrigatória de Geriatria no currículo acadêmico do curso de Medicina. Para se ter ideia do lugar secundário que o setor ocupa nas universidades, basta notar que, em 2009, havia apenas 60 vagas de residência em geriatria em todo o Brasil, de acordo com pesquisa da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

Brasil caminha a passos largos rumo ao envelhecimento. De acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o País tem atualmente cerca de 19 milhões de idosos, o correspondente a 10,5% da população. Esse contingente mais que dobrará em 2040, quando haverá mais pessoas com idade acima de 60 anos do que crianças entre 0 e 14 anos vivendo em cidades brasileiras. Os idosos serão um grupo de 55,5 milhões de pessoas – nada menos que 26,8% de nossa população.

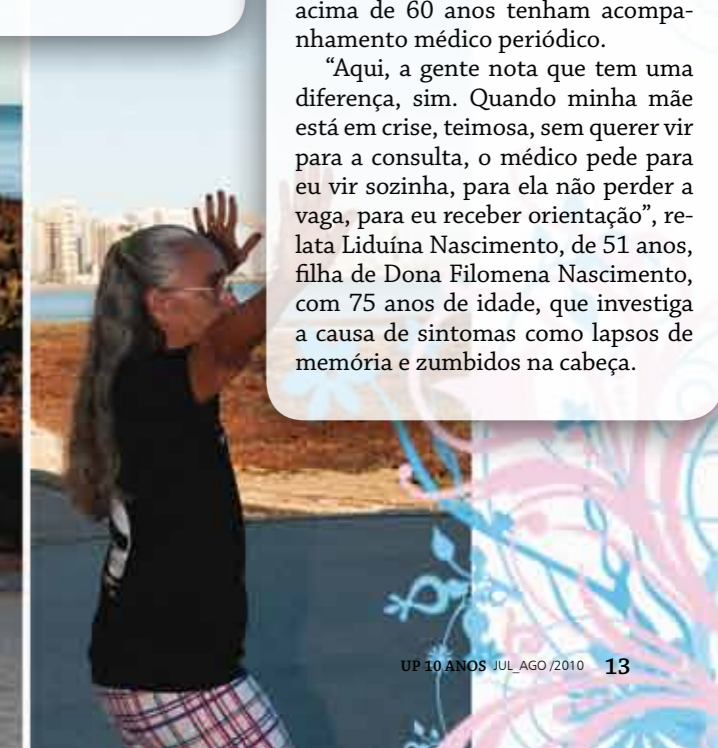
Investir em ações que garantam o bem-estar nessa fase delicada da vida é, portanto, uma demanda urgente. Dos atuais 19 milhões de idosos brasileiros, 3,2 milhões são considerados frágeis, apresentando características como cansaço constante, perda de peso inexplicável, diminuição da força e do ritmo da marcha e atividade física restrita.

Apesar de não terem todas as respostas sobre a origem desses problemas, pesquisadores já apostam que com prevenção, atenção médica contínua e políticas públicas vol-

tadas para o bem-estar dos idosos, é possível evitar – ou pelo menos retardar – os efeitos negativos da terceira idade.

“É preciso acabar com os mitos que rondam o envelhecimento. Mesmo com aquelas doenças típicas da velhice, o idoso pode manter sua capacidade funcional, sua independência, seu protagonismo social. Ele pode e deve buscar realizar suas atividades de forma autônoma”, ressalta o geriatra e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, João Macedo Coelho Filho.

As previsões do Ipea apontam para a importância socioeconômica de se olhar com mais atenção para esse público. Muito mais que mero assistencialismo, cuidar da saúde do idoso é garantir que, mesmo com a idade avançada, ele não abandone as atividades produtivas, contribuindo, pelo máximo de tempo possível, para o desenvolvimento do País. Conforme o Prof. João Macedo, um idoso saudável e autônomo frequenta menos os hospitais, o que também é de interesse do Estado.



Para quem deseja envelhecer com saúde e autonomia, atividades físicas são o remédio “número um” contra o cansaço, a fraqueza e a indisposição que, às vezes, aparecem ao longo da terceira idade. “O corpo não foi feito para ficar parado. Quanto mais ele se movimentar, melhor funciona. Isso vale para o metabolismo, os sistemas circulatório, respiratório, musculoesquelético e outros”, explica o Prof. Carlos Alberto da Silva, do Instituto de Educação Física e Esportes (Iefes) da UFC.

Segundo ele, manter uma rotina de exercícios também ajuda a retardar a perda da fibra muscular tipo I – a chamada fibra branca –, que está envolvida em atividades que requerem velocidade do ser humano. “Ao longo do tempo, essa fibra vai sendo perdida, junto com a massa muscular. É por isso que pessoas com mais de 60 anos andam mais devagar. Quem faz atividade física ajuda a manter uma boa quantidade de fibra branca por mais tempo”, afirma o especialista.

É de olho nesses benefícios que, durante três dias por semana, um grupo de idosos acorda cedo, veste a roupa de banho e parte para a piscina do Iefes, no Campus do Pici, onde são oferecidas aulas de hidroginástica só para pessoas da terceira idade. De acordo com a vice-diretora do Instituto, Rejane Araújo, o projeto de extensão “Driblando a Inatividade” tem funcionado como terapia para quem sofre de processos inflamatórios, além de ajudar na prevenção da osteoporose e no combate à obesidade.

“A hidroginástica diminui as dores, tanto em nível muscular quanto articular, aumenta o fôlego, faz com que eles se sintam mais leves, relaxados. A água tem ação relaxante no organismo, dá a sensação de liberdade. E quando você tira o peso da dor, eles ficam muito mais alegres, saudáveis”, explica a Prof^a. Rejane.

Participante do projeto, Dona Beatriz Maciel, de 73 anos, é a prova de que vale a pena se exercitar e que não há idade máxima para isso. Ela conta que a preocupação com o bem-estar físico e mental só surgiu aos 65 anos, quan-



Prof. João Macedo: o idoso pode manter sua capacidade funcional e sua independência



Projeto “Sorriso Grisalho” reúne estudantes do curso de Odontologia da UFC em prol da saúde bucal de pessoas acima de 60 anos

do começou a fazer caminhada. Antes disso, por causa do ritmo acelerado de trabalho, não havia tempo para cuidar do corpo. Hoje, “com os ossos fortes” – conforme ela mesma se orgulha – e sem nenhum problema sério de saúde, dá a dica: “nunca é tarde para começar. Eu digo sempre para as minhas amigas: quem fica parada enferruja”.

Considerados como atividades de baixo impacto, exercícios na água são bastante recomendados a quem deseja iniciar uma atividade física. De acordo com o Prof. Carlos Alberto, caminhadas e pedaladas também são bem-vindas. Já esportes como vôlei, basquete e futebol, que exigem mais velocidade e força muscular, devem ser evitados.

Sorriso grisalho

Na linha do resgate à autoestima e do envelhecimento saudável, nada melhor do que projetos que, literalmente, cultivem o sorriso dos idosos. A máxima popular que sugere que “a saúde começa pela boca” tem sido levada à risca pelos profissionais e estudantes do curso de Odontologia da UFC que desenvolvem o projeto “Sorriso Grisalho”, criado há 11 anos.

“Em oficinas que eu ministrava para grupos de idosos, observava que

alguns, ao sorrirem, punham a mão na boca para esconder a ausência de dentes. Foi então que percebi que eles se envergonhavam de ter perdido os dentes. Notava o semblante triste daquelas pessoas e fiquei a imaginar que aquilo era decorrente também dos problemas e dificuldades enfrentados ao longo da vida”, explica a Prof^a Walda Viana, odontóloga e coordenadora de Extensão do Campus do Poranga-buçú da UFC.

Foi a partir dessa constatação que, segundo Walda, surgiu a ideia de realizar uma atividade que resgatasse o sorriso e a autoestima do idoso – ao mesmo tempo em que cuidasse de sua saúde, contribuindo para a qualidade de vida e, conseqüentemente, proporcionando mais autonomia na terceira idade. Com dinheiro arrecadado em bazares beneficentes, próteses dentárias passaram a ser produzidas para os idosos participantes do projeto. “A partir disso, vimos que ao reabilitarem o sorriso, eles modificavam suas atitudes e tornavam-se pessoas mais alegres”, relata Walda.

Atualmente, o projeto Sorriso Grisalho atende a 223 pacientes e conta com nove professores, seis cirurgiões-dentistas e 14 estudantes, entre graduandos e pós-graduandos. Além de tratamento dentário e da re-



Projeto “Driblando a Inatividade” atende idosos no Parque Esportivo da UFC, no Campus do Pici



Idosos procuram o Centro de Atensão do Idoso em busca de atendimento especializado

abilitação oral nas funções mastigatória e estética, os pacientes participam de uma série de atividades lúdicas que restabelecem o protagonismo social desse público.

Desenvolvido em parceria entre o Departamento de Clínica Odontológica da UFC, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade e a Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social do Estado, o projeto também realiza oficinas e seminários sobre temas relacionados à saúde geral e bucal do idoso, atividades de higiene bucal supervisionadas, aulas específicas sobre o assunto em cursos de aperfeiçoamento e especialização, dentre outros.

Prestes a se dedicar ao curso de doutorado, a Prof^a Walda já decidiu o que estudar: os resultados do “Sorriso Grisalho” no dia-a-dia de quem voltou a sorrir sem qualquer tipo de vergonha. “Desde o início do projeto, quisemos ‘promover’ o idoso, melhorar a compreensão dele, de seus familiares e cuidadores, sobre o processo de envelhecimento e as limitações que acompanham essa fase”.

Cuidando de quem cuida

A UFC também atua no setor através do Instituto de Geriatria e Gerontologia (IGG) – organização sem fins lucrativos vinculada à Universidade que também oferece serviços de psicologia, fisioterapia, dentre outros, além de apoiar ações de pesquisa e extensão voltadas para pacientes idosos. Dentre as atividades mais especiais do IGG está, por exemplo, o curso para “cuidadores” de idosos. Afinal, engana-se quem pensa que, com o avançar da idade, só os mais velhos podem começar a sofrer com dores, cansaço e depressão.

De acordo com o geriatra cearense Alexandre Cavalcanti, há famílias bastante organizadas, que conseguem criar um revezamento de responsabilidades. Entretanto, segundo ele, a maior parte do trabalho geralmente recai sobre os ombros de apenas uma pessoa. “No meio de muitos cuidadores, um acaba se destacando e assumindo o papel de cuidador exclusivo. Com o passar do tempo, ele acha que só ele é capaz de cuidar bem do paciente”, explica o médico.

Para ajudar os cuidadores de idosos a lidarem com outras dificuldades do dia-a-dia, o IGG promove, com frequência, uma série de atividades com esse público. No ano passa-

do, Gláubia Alves, de 51 anos, filha de uma paciente com Alzheimer, resolveu participar de um curso para cuidadores do Instituto e aprendeu, dentre outras lições, que apesar das dificuldades de conciliar a vida pessoal com as obrigações com a parente, não se deve abandonar por completo as atividades profissionais.

“Como eu costuro, passei a fazer bolsas em casa, pra me distrair, ganhar um dinheiro extra”, orgulha-se. Frequentadora do Centro de Atenção ao Idoso desde 2003, Gláubia conta que, com o curso, também aprendeu técnicas interessantes para os cuidados com a mãe, “principalmente com a higiene dela”, afirma. Por exemplo: ao invés de produtos inadequados, ela passou a usar perfumes sem álcool. “Até a forma certa de dar o remédio eu aprendi. Tem cápsula de comprimido que você não pode partir ao meio e a gente não sabia. Foi ótimo esse curso, apesar de ter sido só dois dias”, lembra.

Dançar faz bem

Outra alternativa que vem ganhando força entre pessoas da terceira idade e que passou a ser bastante estimulada pelos médicos é a dança; além de fazer bem à saúde, contribui para o aumento da autoestima de quem pratica. A pesquisadora Monalisa Dias de Siqueira, Mestre em Sociologia pela UFC e doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem estudado a rotina de mulheres que frequentam bailes e fazem dessas festas um momento de lazer e uma oportunidade de se exercitar – e que, por isso, sequer se incomodam em pagar dançarinos para aproveitar bem a noite no salão.

Ao contrário do que possa parecer, elas não se sentem constrangidas. “O prazer de sair de casa, dançar, sentir-se bonita, encontrar os amigos e conhecer pessoas faz com que elas não fiquem pensando na troca monetária que se estabelece naquele contexto, mas nas vantagens proporcionadas por aquela atividade”, explica Monalisa.

De acordo com a pesquisadora, a maioria das mulheres que frequenta os bailes são viúvas ou divorciadas, e que, geralmente, passaram por problemas de saúde, em especial os psicológicos. Ao invés de se entregarem à dor ou ao isolamento, elas resolvem dar a volta por cima e retomar o convívio social – prevenindo, assim, o aparecimento de doenças relacionadas ao sedentarismo e à tristeza.

“Elas costumam dizer que a dança é algo que contribui para manter o corpo e a mente saudáveis, pois é uma atividade física e uma forma de afastar os problemas do dia-a-dia e a depressão. Além disso, saber dançar todos os ritmos com destreza e mostrar uma boa performance no salão faz com que elas se sintam bonitas e apreciadas pelos demais frequentadores dos bailes”, afirma Monalisa.

Na UFC, o projeto “Dançando com a melhor idade” pode ser uma alternativa para quem quiser começar a arriscar alguns passos. Também ligada ao Iefes, a iniciativa está apenas começando, com início previsto para o fim de agosto. A proposta é oferecer aulas de dança, duas vezes durante a semana, para homens e mulheres que já passaram dos 60 anos, contribuindo para uma rotina mais alegre e proporcionando novas formas de convívio social aos idosos.

Prevenir é preciso

Quem levanta cedo da cama em Fortaleza e passa perto de algumas praças pode se deparar com grupos de idosos fazendo caminhada ou mesmo praticando ginástica em grupo – por iniciativa própria ou mesmo com incentivo do poder público. De acordo com o Prof. João Macedo, aqueles que se esforçam para fazer atividades físicas estão menos propensos a doenças e até à morte precoce.

Em outra frente, a UFC também oferece serviços que ajudam a prevenir complicações da velhice – desta vez, com atividades que ocupam a mente dos mais velhos. Uma das principais iniciativas da Instituição nessa área é o Núcleo de Estudos da



Antônia Maria dos Santos se consultou pela primeira vez com um geriatra aos 74 anos

Longevidade (NEL), que reúne mais de 30 projetos de extensão voltados para o público idoso.

Vinculado à Faculdade de Direito da UFC e coordenado pelo Prof. Fernando Ferraz, o Núcleo tem como carro-chefe o Projeto de Inclusão Social na Maturidade (Prisma), que desde o início deste ano oferece oficinas e minicursos para professores e servidores técnico-administrativos aposentados. “São muitos os casos de pessoas que, após se aposentarem, entram em estado de depressão, passam a sentir-se inúteis, abandonadas. Queremos resgatar essas pessoas para a UFC e, quem sabe, no futuro, transformar a Faculdade de Direito em um grande centro de convivência”, prevê Ferraz. Além de oficinas de contação de histórias, rodas de poesia, origami, cidadania, dentre outras, o grupo tem como uma das principais atividades os estudos e debates sobre o Estatuto do Idoso.



Mesmo sem a mãe idosa, Liduína Nascimento vai ao médico em busca de orientações

Acessibilidade para idosos

Mesmo rodeados de cuidados com corpo e mente, os idosos estão sujeitos a um dos problemas que mais afetam a saúde com o passar da idade: as quedas. Mais lentos, com os reflexos comprometidos e os ossos mais enfraquecidos, eles costumam tropeçar e derrapar com mais facilidade que os mais jovens.

O problema é agravado nos casos de idosos que sofrem com a chamada “síndrome da fragilidade”, que os tornam mais vulneráveis aos tropeços. Para evitá-los, a Prof^a. Zilsa Santiago, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC, dá dicas para melhorar a acessibilidade nas residências.

“Os vilões dos acidentes são os materiais muito lisos, principalmente em áreas molhadas, como nos ba-



Professora Zilsa Santiago: Estatuto do Idoso trouxe avanços para o dia-a-dia dos que tem acima de 60 anos

nheiros. É importante evitar vidros transparentes de mesa e de porta, porque o idoso não percebe a existência deles e pode esbarrar numa mesa de jantar com tampo transparente, por exemplo”, explica.

A especialista também alerta que é preciso ter cuidado com o tipo de móvel das casas. “Mobiliário com superfícies de ‘quina viva’, como mesas e armários sem os cantos arredondados, evitam muito acidente doméstico. Os objetos mais utilizados pelos idosos devem estar sempre ao alcance, num intervalo de altura entre 60cm a 1,30m”.

Outro obstáculo comum, segundo Zilsa, são os interruptores. À noite, no escuro, ao levantarem-se da cama e procurarem acender a luz, os idosos correm grande risco de cair. Nessas horas, luzes com sensor de presença – pelo menos em corredores ou banheiros – podem ser uma boa ajuda.

As dificuldades tornam-se mais complexas quando o idoso sai de casa

e passa a lutar contra os obstáculos impostos pelas cidades, que quase nunca estão adaptadas aos que possuem limitações na mobilidade. O Estatuto do Idoso prevê alterações arquitetônicas de modo a melhorar a qualidade de vida desse grupo, mas nem tudo o que virou lei tem sido aplicado. Revestimento de piso muito liso, desníveis nas calçadas e até mesmo as placas que ficam no meio da rua atrapalham a marcha de pessoas mais velhas. Nessas horas, todo o cuidado é pouco para não cair.

Conhecer o Estatuto do Idoso e reivindicar os direitos garantidos por ele é fundamental para famílias e cuidadores. Segundo Zilsa, foi a partir dessa lei que “alguns avanços já foram incorporados definitivamente no dia-a-dia, como as vagas de assento em ônibus, a reserva de 5% das vagas em estacionamento coletivo, ‘atendimento prioritário’ em estabelecimentos, dentre outros”.¹⁹

Descendo pelo óleo

Pesquisa traça perfil da produção e descarte do óleo de cozinha em Fortaleza e Região Metropolitana. Cerca de 52 milhões de litros são jogados na rede de esgoto a cada ano

Dois dentes de alho espremidos, meia cebola picada, uma cenoura ralada, uma colher de azeite de oliva, uma colherzinha de sal, arroz e óleo para refogar. Esses são os ingredientes de uma receita que a técnica-administrativa Ana Sousa prepara todo dia, o arroz refogado. Quente e bem soltinho, o cereal preferido das mesas brasileiras acompanha, no cardápio do dia, um peixinho frito no óleo, bem crocante, daqueles que estalam na boca. Refeição saborosa, mas que envolve problemas relacionados à obstrução de passagens. Calma, essa não é mais uma de milhares de matérias abordando os malefícios da gordura saturada para a saúde coronariana! O que nem Ana nem muita gente param pra pensar é que o simples cozimento desse prato esconde um problema ambiental: o óleo usado na fritura, para onde é que vai?

No caso de Ana, ele tem destino certo. “Não faço muita fritura, mas sempre que uso óleo, peneiro, retiro as impurezas e coloco em um vidro desses de café. Depois, jogo no lixo comum”, afirma. Assim como a dona de casa, 39% das residências de Fortaleza infligem esse destino ao óleo utilizado no preparo das refeições. Esse é um dos dados que compõem a pesquisa realizada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Infraestruturas de Transporte e Logística de Energia (Glen), da Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece).

O objetivo do estudo, que durou seis meses, foi estipular a quan-

tidade que vai para o esgoto de Óleo de Gordura Residual (OGR) produzida nos bairros da Capital e Região Metropolitana. Os pesquisadores constataram que cerca de 52 milhões de litros de óleo de cozinha são jogados, a cada ano, nas tubulações da rede da Companhia de Água e Esgoto. Isso representa um grande problema econômico e ambiental, uma vez que os OGR's acabam solidificando dentro das encanações, causando entupimento e tornando mais caro o processo de tratamento. “Isso é um problema do Brasil inteiro. É uma questão cultural das pessoas jogarem óleo de cozinha na tubulação, o que causa uma série de transtornos. Daí, quando esse óleo chega na estação de tratamento de esgoto ele desequilibra o processo”, comenta Roner Braga, gerente de Pesquisa e Desenvolvimento da Empresa.

Outro dado interessante revelado pelo levantamento é que a maior parte do OGR descartado nas encanações não vem de cozinhas industriais, apesar de serem as que lidam com o maior volume do líquido. Nesses estabelecimentos, quase a metade (47%) destina o OGR para reciclagem. Nas cozinhas domiciliares, 46% do material vão para o esgoto e 8% são derramados a céu aberto. “É um problema seriíssimo do ponto de vista ambiental, de manutenção e tratamento da rede de esgoto e de saúde pública. Se você joga esse material em um aquífero, isso vai criar uma crosta na superfície que não permite a insolação e vai matar os fitoplânctons, que são a base da cadeia alimentar aquática viva. O OGR na tubulação petrifica e obstrui a vazão do esgoto. Aí, quando chega na boca de lobo, isso estoura e vai para o

céu aberto. Vira então um problema de saúde pública, porque a garotada pode brincar em cima daquele negócio e a bactéria, oportunista, atacar”, explica João Bosco Furtado, coordenador do Glen.

Uma das conclusões do estudo, ademais da constatação dos índices preocupantes de óleo lançado ao meio ambiente e a apatia das autoridades responsáveis, é a necessidade de trabalhos de educação ambiental relacionados à geração sustentável de renda. Atualmente, o OGR coletado é desidratado e jogado como resíduo sólido no aterro sanitário de Caucaia. Como, de acordo com a pesquisa, seria possível obter até 4,7 milhões de litros de óleo por mês na Região Metropolitana de Fortaleza, esse produto tratado, se vendido, poderia movimentar até R\$ 9 milhões por ano. “Os resíduos urbanos não são mais problema, eles são solução, são geradores de renda. O que é gerado em Fortaleza, se for destinado às associações de catadores, vai permitir que elas paguem, mensalmente, um salário mínimo a 260 agentes de reciclagem. Isso em um cenário pessimista. Em um cenário otimista, seriam 1.050. Sugerimos, nos resultados, que isso sirva como mote para responsabilidade social, ajudando associações de catadores na inclusão social e produtiva”, expõe.

Iniciativas

Traçar uma destinação aos Óleos de Gordura Residual produzidos em suas atividades já não é mais nenhuma novidade para donos de bares e restaurantes. Como mostrou a pesquisa, quase metade dos empresários do setor, em Fortaleza, desenvolve alguma ação nesse sentido. No entanto, ainda há uma grande parcela, na Capital, que não se preocupa com o caminho percorrido pelo óleo após o uso em suas cozinhas: cerca de 35% dos OGR's produzidos vão para o lixo e 18% são jogados no esgoto. Visando abranger uma faixa maior de conscientização ambiental

entre seus membros é que a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, no Ceará (Abrasel – CE) adotou o projeto Papa Óleo.

Criado em parceria com o Ministério do Turismo e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o Papa Óleo iniciou em 2007, na Bahia, logo se expandindo para todo o Brasil. O projeto tem como objetivo estimular a preservação do meio ambiente, de forma sustentável, através do reaproveitamento do óleo de fritura residual. Para isso, o OGR é coletado semanalmente, em baldes de 20 litros, e recolhido para armazenamento – em um tanque de mil litros – em uma empresa de coleta particular que atua como parceira. Atingida a capacidade máxima de óleo, ele é transportado para Quixadá e repassado a uma cooperativa de jovens empreendedores, que o beneficia e o revende para a usina da Petrobras Biocombustíveis, localizada na cidade. A partir daí o material servirá como insumo para a produção de biocombustíveis.

O grupo desenvolve suas atividades há cerca de 10 meses e conta com apenas 15 parceiros. Mesmo com adesão ainda tímida, cerca de 600 mil litros de óleo são coletados por semana. Segundo Emanuel Nobre, diretor comercial da empresa de coleta, até o fim de ano o objetivo é mais que triplicar o número de estabelecimentos no projeto. “Sabe-se que um litro de óleo polui um milhão de litros de água. Na verdade, todo mundo acha lindo, mas quando vai para a prática poucos aderem. Como todo gerador é obrigado a contratar um serviço de coleta particular, então fez-se um desconto no serviço de coleta de lixo para que as pessoas tenham interesse em não repassar esse óleo para qualquer lugar”, afirma.

Como destaca Augusto Mesquita, presidente da Abrasel – CE, o Papa Óleo, além de seu caráter ambiental e de geração de emprego e renda, também pretende mitigar um problema que afeta o turismo cearense: a poluição da orla marítima. “Os turistas estão vindo para Fortaleza, mas não conseguem tomar banho

na Beira-Mar. No dia em que eles não vierem mais, como vai ficar a cidade? Então, esse projeto tem um impacto total no turismo. Além disso, queremos fazer nossa parte de responsabilidade social coletando o óleo que antes estava sendo lançado no esgoto e tentando fazer a educação ambiental nas escolas, para que não se jogue óleo nos esgotos das residências”, aponta.

De fato, a educação ambiental, além de infraestrutura adequada, parecem ser o grande diferencial para mudanças de atitude tanto individuais quanto coletivas face à visão predatória sobre a natureza. De acordo com Silvano Cavalcante, gerente de suprimentos da Petrobras, a usina de Quixadá pode comprar até 30 mil litros de óleo para insumo no biodiesel, no entanto, tem comprado apenas dois mil. “Necessita trabalho de educação ambiental e estruturação logística dos atores envolvidos”, diz. Enquanto transformações significativas não surgem, iniciativas isoladas fazem a diferença. “Faço a separação do meu lixo. Acho que é questão de comodismo o fato de as pessoas jogarem óleo na pia. Como tenho muita preocupação em não entupir os canos, não faço isso, mas acho que falta um reforço nessa parte de educação”, lamenta Ana. ☺

AS PRINCIPAIS FONTES DE OGR NA REGIÃO METROPOLITANA DE FORTALEZA, NO SETOR INDUSTRIAL, SÃO:

Centro de Fortaleza, com 44.162 litros por mês;
Meireles, com 42.975 litros por mês;
Aldeota, com 14.485 litros por mês.

NO ÂMBITO RESIDENCIAL, OS MAIORES PRODUTORES SÃO:

Granja Lisboa, com 117.624 litros por mês;
Aldeota, com 35.047 litros por mês.
O bairro em que mais se joga óleo nas tubulações de esgoto é o Mondubim, com 88.730 litros por mês.

Consulados Culturais

Programas de Leitorado possibilitam diálogo entre estudantes e professores com culturas e literaturas estrangeiras. UFC busca garantir manutenção através de parcerias



Era março de 1962 quando o alemão Hemult Feldman desembarcou em Fortaleza a convite do fundador e então Reitor da Universidade Federal do Ceará, Prof. Antônio Martins Filho. Por aqui, Feldman começou uma missão que perdura há quase 50 anos: foi o primeiro Leitor do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) na Casa de Cultura Alemã (CCA), onde desenvolveu trabalho inédito na formação de professores em língua e literatura alemãs. Para se ter uma ideia do pioneirismo, o leitorado do

DAAD na UFC foi o primeiro a ser implantado no Brasil e figura entre os mais antigos de todo o mundo. De lá para cá, 13 leitores alemães deram continuidade a essa história, fazendo da CCA, em definitivo, o principal núcleo de ensino e difusão do idioma alemão no Ceará, incentivando o diálogo teuto-brasileiro em Fortaleza.

Desde dezembro de 2009, porém, com a saída do professor David Freudenthal, o posto de Leitor encontra-se vago na Casa de Cultura Alemã. De acordo com a Coordenadora de Assuntos Internacionais (CAI) da UFC, Prof^a. Maria Elias Soares, já foi solicitada ao DAAD a renovação do quadro, que também tem apoio do Instituto Goethe. “A UFC já informou ao DAAD o perfil do leitor que deve vir para a CCA, inclusive já houve uma seleção, mas ninguém foi aprovado. Embora não haja leitor neste momento, o convênio de leitorado se mantém e deve continuar, sim, pois já se tenta, novamente, outra seleção para preencher essa vaga”, garantiu.

Os programas de Leitorado são políticas de vários países, inclusive do Brasil, de promoção da cultura e da língua nativas no exterior. São como consulados e embaixadas

estrangeiras em plena Universidade. Na UFC, essa ação estratégica tem sido desenvolvida por países europeus desde a década de 1960, ainda quando as Casas de Cultura Estrangeira funcionavam como Centros. Aqui, os leitores agregam-se à respectiva licenciatura no Departamento de Letras Estrangeiras da UFC e às Casas. Segundo Maria Elias, até Portugal já manteve Leitorado no Campus do Benfica, através da Casa de Cultura Portuguesa, onde foi incentivado intercâmbio entre professores. “Através do Instituto Camões, na década de 1980, houve oferta de cursos de verão em universidades portuguesas sobre literatura e cultura daquele país, inclusive sobre a influência da azulejaria portuguesa no Brasil”, recorda.

Para a Prof^a. Mônica Dourado, coordenadora geral das Casas de Cultura Estrangeira da UFC, os leitores têm papel fundamental por se responsabilizarem pela organização de palestras, exposições, seminários e mostras de filmes destinados à divulgação da língua e do modo de viver de uma cultura exterior à nossa. Ela cita o período que o Prof. Dietmar Dombrowsky foi leitor da Casa de Cultura Bri-

tânica, de 1995 a 1999, o último a permanecer naquela unidade. “Tivemos a abertura de conseguir bolsas com o Conselho Britânico para professores fazerem cursos de duas semanas na Inglaterra. Tratou-se de uma experiência inesquecível e que muito enriqueceu o nosso currículo. Conhecemos a cultura local e multiplicamos o conhecimento”, diz.

Maria Elias explica que a diminuição do número de leitores na UFC se deve à redução de recursos financeiros dos países europeus para esse fim, embora os convênios com os leitorados alemão e italiano ainda estejam em vigor na Universidade. Ela diz que já foram feitos contatos com o Consulado da Itália para que um novo leitor seja encaminhado à UFC, em substituição à professora italiana Silvia Gervasi, que interrompeu contrato em maio de 2007. No caso de um leitorado de língua inglesa na UFC, já houve reuniões com o Conselho Britânico, que afirmou não ter mais essa política. “É preciso também que preceda um programa de leitorado ou equivalente para que a Universidade batalhe por ele, por isso não há um na Casa de Cultura Britânica”, esclarece. É a parceria entre o Departamento de Letras Estrangeiras e a CAI junto aos órgãos de promoção cultural dos países que pode garantir o retorno efetivo dos leitorados.

Esse trabalho rendeu frutos recentemente, a partir de convênio estabelecido entre a UFC e a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), da Embaixada da Espanha. Desde fevereiro deste ano, a Prof^a. Guadalupe Aznar, da região de Zaragoza, ocupa o posto de Leitora de espanhol, a quarta na Instituição. Entre as atividades já desenvolvidas, a palestra “Tapas dulces y saladas de la España actual – De qué hablan los españoles en la barra del bar” tratou de temas como imigração, futebol, cultura e

outros assuntos “doces e salgados” que os espanhóis costumam comentar em conversas que, no Brasil, acontecem em “mesa de bar”. Ela ainda ministrou, no primeiro semestre, curso de produção oral em nível avançado destinado aos alunos da Casa de Cultura Hispânica e do Curso de Letras/Espanhol.

“Além de contribuir com carga horária dedicada a aulas que permitem o contato direto com os alunos graduandos de Espanhol, o leitor é encarregado de atuar em projetos culturais que promovam e divulguem a língua e a cultura espanholas na UFC. Também é responsável pela divulgação das várias modalidades de bolsas de estudos oferecidas anualmente pela AECID nas mais diversas áreas do conhecimento”, comenta a Prof^a. Massília Dias, coordenadora da Licenciatura em Letras/Espanhol a distância da UFC, que contribuiu no projeto do leitorado espanhol enviado à AECID.

Além de serem financiados pelo país de origem, seja através do DAAD, da AECID ou pelo Governo da Itália, os leitores recebem da UFC ajuda de custo para se adaptarem mais facilmente no Brasil. Segundo a coordenadora de Assuntos Internacionais, estuda-se uma possibilidade de atrair novos leitores para a Instituição sem que seja preciso a vinculação deles a entidades de promoção cultural. Como já foi feito no passado com universidades europeias, o recrutamento de professores visitantes-leitores pode ser a solução encontrada pela UFC.

“É um caminho para resolver situações que deixamos de ter e agora queremos recuperar. Também está sendo estudado um projeto de convênio com a Universidade de Colônia, na Alemanha, para trazer um leitor de lá e enviarmos um leitor da UFC para aquele país”, explica Maria Elias. Que históricos concertos musicais, recitais líricos, exposições de fotografia e mostras



Prof^a Mônica Dourado coordena as Casas de Cultura Estrangeira da UFC: leitores têm papel fundamental

de cinema internacionais possam voltar a fazer parte, o mais breve possível, da programação cultural das Casas de Cultura Estrangeira e do Campus do Benfica. 10



OSTRAS GOSTOSAS MAS PERIGOSAS

Exóticas, afrodisíacas e de gosto bastante acentuado, as ostras costumam ser uma boa pedida na praia, no bar ou no mais sofisticado restaurante. O preparo é simples: basta adicionar gotinhas de limão, salpicar um pouco de pimenta dentro da concha e pronto! É só saborear o marisco, cru mesmo. Os adeptos da delícia, entretanto, devem ficar atentos. Pesquisa do Instituto de Ciências do Mar (Labomar) da UFC, publicada em maio deste ano, mostra que é alto o índice de contaminação das ostras consumidas no Estado. Ingeri-las cruas ou mal cozidas pode representar riscos e desencadear doenças gastrointestinais.

Coordenado pela Prof^a Regine Helena Vieira, do Laboratório de Microbiologia Ambiental e do Pescado do Labomar, o estudo aponta que o molusco geralmente chega à mesa do cearense com uma quantidade excessiva de bactérias entéricas – como o *Vibrio parahemolyticus* e o *Vibrio carchariae* –, causadoras de problemas como infecção e intoxicação intestinal.

Essas bactérias fazem parte do conjunto de micro-organismos que

vivem no ambiente marinho e estuarino, onde também habitam as ostras. Por serem animais “filtradores” – ou seja, que absorvem a água do meio e retêm tanto nutrientes quanto impurezas –, elas acabam carregando vibrios nocivos aos seres humanos.

Como se não bastasse isso, a falta de cuidados com a higiene em alguns estabelecimentos, a conservação inadequada das ostras em gelo de má qualidade e as altas temperaturas às quais o alimento por vezes é exposto são fatores que ajudam as bactérias a se proliferarem com mais rapidez.

Para se ter ideia dos riscos, basta notar que, em 2007, cerca de 40% dos restaurantes visitados por pesquisadores do Labomar em Fortaleza estocavam ostras em temperatura ambiente, o que não é recomendado. Assim, não há corpo humano que resista. “A manifestação e a gravidade da infecção ou intoxicação irão depender do sistema imunológico do consumidor. Caso a pessoa esteja com muitos anticorpos, a bactéria passa pelo estômago e é eliminada pelo suco gástrico. Do contrário, os problemas podem aparecer”, explicou Regine. Crianças e idosos estão entre os grupos mais propensos ao agravamento dos sintomas.

Sentindo na pele

O advogado Paulo César Misino não conhecia a pesquisa da UFC, mas já havia percebido, na prática, que ostras nem sempre lhe caíam muito bem. “Nunca passei mal com aquelas vendidas na praia, dentro de isopores, mas tem um restaurante especializado (UP optou por não citar o nome do estabelecimento) que é tiro e queda. Das três vezes em que fui lá, fiquei doente”, lembrou.

A situação mais grave aconteceu no início deste ano, quando Paulo chegou a ficar três dias de licença médica, com fortes dores abdominais e febre alta. “Fui ao hospital e, adivinha! O doutor disse que era virose e me passou soro. Voltei pra casa e tive uma melhora rápida, a febre até diminuiu. Mas, depois, comecei a vomitar e a diarreia veio com tudo”, relatou.

Hoje, ele até já sabe que remédios tomar, caso passe novamente por esse aperto. Questionado se pretende deixar de consumir ostras fora de casa, o jovem nem titubeou. “Claro que não! Deve ser a minha parte brasileira de não desistir nunca”, brincou.

É melhor não comê-las?

Em certa medida, Paulo até que está certo. A própria Prof^a Regine explicou que não é preciso abandonar os prazeres oferecidos por um bom prato do marisco. Afinal, além do sabor marcante, as ostras também são ricas em proteínas, zinco e vitaminas como a B12. Conhecer a procedência do alimento é a primeira dica para quem, assim como o advogado, não cogita deixar de consumi-lo.

A pesquisadora disse que alguns restaurantes garantem a qualidade da ostra por meio de um processo chamado “depuração”, que consiste em tirar a ostra do criadouro – geralmente contaminado – e levá-la à água limpa. Assim, a ostra passa a filtrar a água sem impurezas, o que, após algum tempo, a deixa livre das bactérias causadoras das gastroenterites.

Além disso, o ideal é que o molusco seja conservado sob refrigeração de 4°C e, de preferência, seja consumido após cozimento por, aproximadamente, 30 minutos, à temperatura de 100°C. “O problema é que, no Ceará, o manuseio da ostra ainda é muito artesanal, sem nenhum tipo de ciência, ao contrário do que acontece em outros estados e países. Falta treinamento e um controle de qualidade eficiente”, pontuou Regine.

No Ceará, sequer existem dados epidemiológicos sobre os casos de infecção e intoxicação causadas por ostras contaminadas. Conforme lamentou a Prof^a Oscarina Viana, também do Laboratório de Microbiologia Ambiental e do Pescado, em casos de surto de diarreia, por exemplo, não se costuma investigar que alimentos o paciente consumiu antes de passar mal, em que estabelecimento a comida foi comprada etc. – o que dificulta o controle de qualidade.

Segundo Oscarina, também há problemas no processo de fiscalização do comércio. Na Capital, esse trabalho é feito pela Vigilância Sanitária do município, que, por sua vez, alega déficit de recursos humanos para dar conta de toda a demanda. O Órgão

é responsável por fiscalizar desde restaurantes a supermercados, o que exige grande número de profissionais. “A menos que se tenha uma denúncia, é difícil fazer a fiscalização”, criticou a professora.

De olho também nos sushis

A mesma preocupação que se tem com as ostras deve ser estendida aos que viraram fãs de restaurantes de cozinha japonesa, que incluem peixes crus no cardápio. As temakerias e casas de sushi e sashimi viraram “febre” no Estado – principalmente em Fortaleza, onde, em cada esquina, é possível degustar essas iguarias. O problema é que, assim como as ostras, o alimento tem grande chance de estar contaminado.

Segundo a Prof^a Regine, além de coliformes fecais, pode haver salmonela e estafilococos em quantidade excessiva. Mais uma vez, a falta de higiene de alguns estabelecimentos pode agravar a situação. O estudante de Letras – Italiano da UFC, Rafael Carlos Girão de Oliveira chegou a ficar

um ano sem comer sushis após ter adoecido por causa do alimento, consumido em um restaurante de classe média alta da Capital. “Depois de ter vomitado tudo aquilo, não pude mais nem sentir o cheiro de sushi, que já me vinha um enjoo forte”, descreveu.

Para Regine, nada, portanto, como uma boa panela de “peixada”, prato tradicional na culinária cearense que, por levar frutos do mar bem cozidos, garante a alimentação com saúde e bom gosto. “Fica a dica”, sugere. 🍴

SERVIÇO

Para denunciar estabelecimentos que comercializam ostras, sushis, sashimis ou qualquer outro tipo de alimento com indícios de contaminação, basta ligar para o Núcleo de Vigilância Sanitária do Ceará. Os números dos telefones são: (85) 3101-5285 Fax: (85) 3101-5286



Equipe do Laboratório de Microbiologia Ambiental e do Pescado do Labomar identificou quantidade excessiva de bactérias em ostras consumidas no Ceará

Um talento para ser lembrado

Um dos maiores compositores do Brasil, autor da primeira ópera tipicamente brasileira, o cearense Alberto Nepomuceno ainda é pouco lembrado. Nos 90 anos de sua morte, UP apresenta um pouco da vida e obra desse grande artista

por Cristiane Pimentel

Dizia Oscar Wilde que “a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”. Por vezes reafirmada, outra invertida, o certo é que pouco se sabe qual a ordem correta da frase. A indecisão vem da sutileza do limite ténue entre os fatos concretos da existência e a realidade alicerçada na mente do artista. A sentença salta à mente ao falamos de um homem, brasileiro, passageiro dos séculos XIX e XX, amante da cultura nacional e valorizador do violão, instrumento marginalizado na época. Foi ainda pesquisador do folclore brasileiro, defensor da língua tupiniquim e, por causa de suas posições, foi hostilizado ao longo de sua vida, morrendo solitário, jovem para os parâmetros de hoje, distante de amigos e família.

Mas deixemos de suspense para falar de Alberto Nepomuceno, um dos maiores compositores do Brasil, ainda pianista, organista, regente, professor de composição, dirigente do Instituto Nacional de Música e grande defensor do canto lírico em Língua Portuguesa, em uma época em que somente Francês e Italiano eram idiomas tidos como musicais. “Não tem pátria um povo que não canta em sua língua”, proclamou o maestro, como um apelo pela afirmação de uma cultura própria, livre das amarras europeias.

Vida

Onde hoje a multidão percorre a vida apressada, indiferente às memórias de outros tempos, na Rua Senador Pompeu, no Centro, nasceu, em seis de julho de 1864, Alberto Beriot Nepomuceno. Naquela época, Rua Amélia, em que se assistia a um caminhar brando de seus transeuntes. Filho do músico, violinista e organista da catedral de Fortaleza, Victor Augusto Nepomuceno e de Maria Virgínia de Oliveira Paiva, sobrinho de Oliveira Paiva – autor de “Dona Guidinha do Poço” – Nepomuceno teve através do pai os primeiros flertes com a música.

Percebendo o talento musical do filho, Victor transfere-se para o Recife, em 1872, em busca de melhores oportunidades para a família e de uma formação musical sólida para Alberto. A fase de estudos em terras pernambucanas é próspera até que, em 1880, o então jovem músico, com 16 anos, enfrenta períodos difíceis, com a morte do pai. Para prover o sustento da família e seguir nos estudos musicais, o artista tem de dar espaço ao trabalhador de tipografia. Simultaneamente, leciona aulas de teoria musical e de piano.

É nessa época que se relaciona com intelectuais da Faculdade de Direito do Reci-

fe, encontrando um ambiente cultural propício para o florescimento de seu talento. Ainda no Recife, em 1883, realiza apresentação como violinista na estreia da ópera “Leonor”, de Euclides Fonseca, no Teatro Santa Isabel. Envolto pelo rumor das ideias inovadoras que habitavam nas mentes mais avançadas, é também o período quando Alberto começa a manifestar seus anseios abolicionistas, que mais tarde seriam motivo para recusa de petição enviada ao Império para custeio de temporada sua de estudos na Europa. A justificativa é de que realizava atividades políticas inaceitáveis.

Com 21 anos Alberto transfere-se para o Rio de Janeiro, capital do Império, após uma breve temporada no Ceará. A acolhida na cidade veio de uma família de jovens artistas, os Bernadelli, que mais tarde o ajudariam em sua temporada de estudos no velho continente. Desenvolvendo uma vida social intensa, laureada por amizades com músicos e escritores, como com o bibliotecário do Club Beethoven – onde foi nomeado professor de piano – Machado de Assis, Alberto realiza suas primeiras composições: 1ª Mazurka, para piano; Ave Maria, para canto e Marcha Fúnebre, para orquestra. Em 1888, apresenta, em Fortaleza, “Dança de negros”, para piano, que daria origem a célebre “Batuque”, da Série Brasileira. No mesmo ano elabora a ópera “Porangaba”, composta com base no poema de Juvenal Galeno.

Em seus estudos na Europa, foi aluno de renomadas instituições de ensino de música, como o Liceo Musicale Santa Cecilia, em Roma, e o Conservatório de Stern, em Berlim. Nepomuceno teve ainda a oportunidade de conhecer grandes nomes da composição, como Claude Debussy, Heinrich Von Herzogenberg, grande amigo de Brahms, e Edvard Grieg, com quem manteve estreita relação, sendo este o responsável por apresentar a Nepomuceno sua futura esposa, a pianista norueguesa Valborg Bang.

Nacionalismo

Aliás, foi dessa amizade com Grieg, defensor da arte como representativa da cultura local, que Nepomuceno fomentou a sua luta em dar características brasileiras à música erudita aqui composta. Em 1895, já de volta ao Rio de Janeiro, realizou concerto de suas obras, no Instituto Nacional de Música, quando chocou os críticos e a sociedade da época com a apresentação de “A galhofeira”, totalmente em Português. Na época, era inadmissível que o bel canto, o chamado canto Lied, ou canto lírico, fosse em línguas que não o francês ou italiano.

“Ele era uma pessoa muito curiosa e teve contato com diferentes gêneros. Era um homem de uma formação cultural muito grande e abriu os olhos para uma realidade que, na época, era a busca de uma música moderna. Nas minhas pesquisas, vi que o canto em Português já era feito antes de Nepomuceno, mas ele inovou por enfrentar esse ambiente de que o canto lírico tinha de ser em francês ou italiano. Então, ele tem a maior importância na música brasileira e internacional, pois preparou o modernismo brasileiro. O que me encanta nele é a mistura de um grande saber internacional com a vontade de ser brasileiro. Sem ele, dificilmente teríamos o cancionário brasileiro que tivemos no modernismo”, afirma Anna Maria Kieffer, cantora e pesquisadora da obra de Alberto Nepomuceno.

Nomeado diretor da orquestra da Associação dos Concertos Populares, órgão que dirigiu por dez anos, o maestro tornou ainda mais pujante a sua empreitada nacionalista na música, ao promover um intercâmbio com artistas populares. Ainda fez torcer os narizes nos salões nobres ao realizar parcerias com autores da canção popular, como Ernesto Nazareth. Escândalo então foi o concerto de violão, instrumento considerado vulgar na época, de Catulo da Paixão Cearense. Isso para uma plateia conservadora do Instituto Nacio-

nal de Música. Outras inovações do compositor no sentido de alcançar a identidade de uma música erudita brasileira foram a narrativa e métrica musical calcada em temas brasileiros e o uso de instrumentos típicos da música regionalista urbana, como o reco-reco.


Outra qualidade da obra de Nepomuceno é o contato com renomados escritores da literatura brasileira. “Uma coisa importante do Alberto é a sintonia com nomes da literatura da época. Ele vai fazer parceria com Machado de Assis, com Coelho Neto e aqui, no Ceará, com o Juvenal Galeno, do qual ele musicou o poema ‘A jangada’, uma espécie de despedida e agradecimento”, declara o pesquisador e jornalista Gilmar de Carvalho. Escreveu ainda, baseado na obra homônima de José de Alencar, a ópera “O Garatuja”. Comédia lírica, ela é considerada a primeira ópera genuinamente brasileira quanto ao tema, ambiente e texto. Ainda abrange ritmos populares, como o tango, a habanera o lundu e a polca-maxixe.

Dentre outros trabalhos como compositor e regente, Alberto Nepomuceno é responsável pela adaptação, para duas tonalidades – Si bemol para instrumentos e Fá maior para canto – da letra do Hino Nacional Brasileiro e da elaboração da melodia do Hino do Ceará, feito em comemoração ao tricentenário do Estado. Para a composição cearense, o músico baseou-se nas escalas modais, com a fusão de três canções populares baseadas nesse modo. A ideia de Alberto era que o povo, ao ouvir o hino, se identificasse e tomasse como uma canção sua, passando a reproduzi-lo. “Se for feliz, terei vencido uma campanha, especialmente por isto que será o cearense o único povo da comunhão brasileira que canta uma canção patriótica. Será o começo de uma regeneração de costumes; será uma prova de amor à língua e à nacionalidade; será mesmo um direito a essa”, afirmou o músico.

Passados 90 anos de morte de Alberto Nepomuceno, essas palavras

revelam a triste constatação do seu sonho não ter se concretizado até hoje. Não somente isso, como sua obra, junto a de grandes nomes da arte brasileira, parecem desvanecer ao passar do tempo. “A questão é que, de uma forma geral, é difícil você ter acesso às partituras de músicos brasileiros. Compositores atuais, para você tocar, se tem que, às vezes, entrar em contato, porque não tem editora que publique esse material. Sou pianista e pra tocar as peças do Villa-Lobos não encontrei aqui no Brasil, só na França. E olhe que ele é um dos “mais fáceis” de serem encontrados. Isso revela a desvalorização do compositor brasileiro, o que acaba afetando o ensino de música, pois se fica dependendo de iniciativas de professores de conseguir as partituras no exterior”, declara Inês Martins, maestrina e professora do curso de Música da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

No Ceará, terra natal de Nepomuceno, além de uma estátua solitária que “rege o trânsito” defronte ao prédio da antiga Secretaria da Fazenda e de uma renomada Escola de Música que tem o maestro como patrono, poucas iniciativas trazem ao cotidiano o nome do músico. Criado pelo flautista Heriberto Porto, o Quinteto de Sopros Alberto Nepomuceno é um desses oásis em meio ao deserto do esquecimento. “Acho que o interesse pela obra de Alberto Nepomuceno tem crescido. Publicações, homenagens, gravações têm surgido, mas ainda é tímida a valorização do grande músico. Junto com Villa-Lobos, Nepomuceno é o nosso maior compositor e o primeiro a empregar elementos brasileiros e até cearenses nas suas composições. Há 12 anos o grupo faz parte dos esforços para fazer crescer a música no Estado. Lembrei logo do maestro Nepomuceno, que foi um batalhador pelas orquestras, concertos e escolas de música no Brasil”, comenta Heriberto.

Morto aos 56 anos de idade, solitário, pobre e desgostoso pela hostilidade dirigida ao seu trabalho. Esse foi o fim de Alberto Nepomuceno, que teve na canção de “Glória a Deus nas Alturas”, entoada por ele noite adentro, o consolo para o último suspiro de corpo e alma cansados. Assim como Policarpo Quaresma, personagem de Lima Barreto, o homem do início do texto e o nacionalista, amante do folclore nacional, entusiasta do violão, defensor de uma língua nacional e que também morreu abandonado por seu povo. Dessa forma, histórias se assemelham e confundem, no eterno jogo de imitar entre vida e arte. 

Alberto Nepomuceno compôs a melodia do Hino do Ceará em comemoração ao tricentenário do Estado



Universidade Pública 10 anos de UFC em revista

Ensino, pesquisa, extensão, tecnologia, cultura, história, saúde, política... Desde junho de 2000, a revista *Universidade Pública* (UP) leva até você o mundo da produção acadêmica da Universidade Federal do Ceará, apresentando seus impactos sobre a vida cotidiana. Tudo isso numa linguagem clara, leve e com conteúdo de qualidade. Um elogio ao pensamento crítico e comprometido com os destinos de nossa gente.

Conhecer para decidir com segurança

Em sua segunda edição, a Feira das Profissões da UFC reuniu cerca de 45 mil estudantes do Ensino Médio no Campus do Pici

Uns já foram decididos sobre a carreira que vão abraçar. Outros confundiam-se diante de tantas opções apresentadas. Mas entre certezas e dúvidas predominaram o entusiasmo e a alegria entre os jovens que visitaram a II Feira das Profissões da Universidade Federal do Ceará, no Campus do Pici, no início de agosto. Nesta edição, nada menos do que cerca de 45 mil alunos de 598 escolas públicas e 316 instituições de ensino particular participaram do evento, um acréscimo de 100% no número de visitantes em comparação à Feira do ano passado.

Transformada em passarela de estudantes da Capital e do Interior, o entorno da Pró-Reitoria de Graduação da UFC, onde foi montada a Feira, recebeu estandes com universitários e informações dos 100 cursos de graduação da Instituição. Unidos por um objetivo comum, o de conhecer os cursos e faculdades da UFC para, assim, escolher com segurança a profissão a seguir, os pré-universitários vieram de todos os cantos do Estado: de Tauá a Chorozinho, passando por Sobral, Aracoiaba, Redenção, Itaitinga, Cascavel, Icó ou Maracanaú.

“O objetivo da Feira das Profissões

é dar oportunidade aos estudantes de dirimir dúvidas, conhecer a grade curricular e o mercado de trabalho de cada um dos cursos e faculdades oferecidos pela UFC. Assim, ficarem mais confiantes para tomar uma decisão fundamental em suas vidas ainda tão jovens”, explica a Coordenadora de Acompanhamento Discente Prof^a. Sônia Araújo Castelo Branco, da Pró-Reitoria de Graduação, organizadora do evento. Segundo a coordenadora, as Feiras dos campi do Cariri e de Sobral já têm data marcada: 26 e 27 de agosto e 2 e 3 de setembro, respectivamente.

Cintia Reinaldo acabava de sair do estande da Pedagogia, onde ouviu os universitários, quando Universidade Pública conversou com ela. “Estava ali apenas para confirmar o que já sabia, porque desde sempre pensei em ser pedagoga”, disse, segura, a aluna do 3º ano da Escola Estadual Joaquim Nogueira. Sua colega de sala Vitória Magalhães tentará uma vaga no curso de Odontologia. Bem-humorada, já pensa até na especialização que pretende fazer: “Ortodontia, para que todos tenham o sorriso igual ao meu.”

Para atrair visitantes, os universitários da UFC que, voluntariamente, exer-


ceram atividades na Feira usaram estratégias criativas para “vender” seus cursos. Era o caso da graduação em Educação Musical, cujos alunos circulavam pela Feira tocando cavaquinho. O graduando Emanuel Cavalcanti circulava pelas dependências do evento vestindo avental amarelo onde se lia que o estudante que cursa Economia Doméstica “não era uma doméstica”. Ele se surpreendeu com o fato de muitas pessoas pensarem que o curso era um dos recém-abertos pela UFC. “Na verdade, foi criado em 1972”, esclarecia. Graduandos de Estilismo e Moda improvisaram um ateliê, além de responder a perguntas aos interessados pelo curso, customizaram camisetas. “Os estudantes de Ensino Médio queriam saber se é condição básica saber desenhar”, afirmaram as universitárias Flávia Kazimoto e Auxilane Silveira sobre os requisitos para ser um estilista.

Escolhas e indecisões

Alexandrino Ribeiro, aluno da Escola de Ensino Médio Wladimir Roriz, do município de Chorozinho, trabalha numa lanchonete e está determinado a cursar Gastronomia. “Sempre quis cozinhar e tenho muito jeito. Sei até criar em cima de receitas”, assegurou sem modéstia. Já Nádia Rocha, do Colégio Santa Isabel, de Fortaleza, depois de conversar com um aluno do estande de Administração, se disse mais confiante em optar pelo curso, sua preferência desde algum tempo.

Mas enquanto alguns jovens já se veem nas salas de aula de seus cursos ou com diploma na mão, há os que, como Raylane Nayara, do Colégio Vila Velha, permanecem no que ela chama de dúvida cruel. “Não sei se faço Matemática, Arquitetura e Urbanismo ou Estilismo e Moda”, desabafa. Larissa Mendes, aluna do 2º ano do Colégio Farias Brito, também ainda não se decidiu, mas diz que irá ler com atenção o segundo número da *Revista das Profissões*, distribuído aos alunos visitantes da Feira. É nela que Larissa buscará detalhes sobre todos os cursos que a UFC oferece e o perfil do profissional e do mercado de trabalho relativos a eles; tudo para “escolher com segurança”, afirma.

Laços estreitos

A Secretária de Educação do Estado, Izolda Cela, visitou a II Feira das Profissões. Parceira da iniciativa, destacou o comparecimento dos alunos da rede estadual de ensino ao Campus do Pici. “Queremos que eles possam sonhar e também estabelecer o ingresso na universidade como um projeto de vida”. Ela lembrou, ainda, dos laços “cada vez mais estreitos” entre a Secretaria de Educação do Estado (Seduc) e a UFC, principalmente na capacitação dos professores da rede pública estadual, com o objetivo de esclarecer a nova e única modalidade de acesso aos cursos de graduação da Universidade, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). “Com o apoio da UFC, estamos realizando seminários e oficinas por todo o Ceará”. O Vice-Governador, Francisco Pinheiro, acompanhou a Secretária. Professor do Departamento de História, ele lembrou que, através da Feira, a Universidade se apresenta aos jovens, oferecendo informações valiosas para uma escolha. 



Professores Inês Mamede, Custódio Almeida e Sônia Castelo Branco, da Pró-Reitoria de Graduação: Feira ajuda os estudantes a tomar decisão fundamental



Com informações sobre todos os 100 cursos de graduação da UFC, a *Revista das Profissões* foi distribuída aos visitantes da Feira

Decisões opostas

Em meio às discussões sobre a regulamentação do regime de dedicação exclusiva dos docentes universitários federais, Universidade Pública apresenta os motivos que fizeram dois professores da UFC a optar por mudanças em seus contratos de trabalho

De acordo com as normas do Manual do Professor da Universidade Federal do Ceará, é preciso que o docente integrante da carreira de magistério superior esteja submetido a uma das três opções de regime de atuação: parcial, com obrigação de prestar 20 horas semanais de trabalho; integral, prestando carga de 40 horas por semana; e dedicação exclusiva (DE), que obriga o professor a cumprir 40 horas semanais de trabalho e o proíbe de exercer outra atividade remunerada, seja pública ou privada.

Dados colhidos até junho pela Superintendência de Recursos Humanos (SRH) da UFC contabilizam que a Instituição tem em seu quadro 1.485 docentes em regime DE, entre doutores, mestres e graduados. De 2008 até hoje, seis desses professores entraram na Instituição para cumprir carga horária semanal de 20 ou 40 horas de trabalho, mas optaram, durante esse mesmo período, por mudar seus contratos e passaram a ser um docente DE. Por outro lado, também entre 2008 e 2010, 24 professores da UFC resolveram seguir o caminho inverso, deixando o regime de dedicação exclusiva do magistério superior federal.

Professores que optam por deixar de ser DE esclarecem que esse regime de trabalho a que se vinculavam os limitava de desempenhar atividades fora do âmbito acadêmico, como prestar consultoria a empresas privadas ou atender pacientes/clientes

em escritório próprio. No entanto, quem escolheu o oposto acredita que o regime de dedicação exclusiva contempla um melhor aproveitamento das oportunidades acadêmicas, como o incremento de bolsas de pesquisa para alunos orientandos.

É o caso do Prof. Suetonio Mota, do Departamento de Engenharia Hidráulica e Ambiental, do Centro de Tecnologia. Nomeado Professor Assistente da UFC em 1975, em contrato de 20 horas semanais, ele solicitou a troca de seu regime de trabalho depois de se aposentar de outro emprego e agora desempenha atividades na Instituição em regime de 40 horas semanais com dedicação exclusiva. “Há algum tempo desejava me dedicar totalmente à Universidade. Sempre exerci minhas atividades na UFC despendendo mais tempo do que tinha



obrigação, como professor em regime de 20 horas, pelo fato de gostar muito do magistério”, afirma.

Segundo Mota, o aumento de sua carga horária na Universidade o permitirá orientar mais alunos de mestrado e doutorado, além de poder incrementar as atividades de pesquisa que já desenvolve. “Também poderei me credenciar para solicitar bolsas de pesquisas para alunos de iniciação científica, por exemplo, o que me era negado pelo fato de trabalhar somente 20 horas semanais”, garante. Mota relata que, antes de ter aprovada sua mudança de regime semanal de trabalho, passava por dificuldades acadêmicas por não ser um professor com dedicação exclusiva à UFC. “Professor em regime de 20 horas semanais tem dificuldade de obter recursos para financiamento de pesquisa e, principalmente, para conseguir bolsas para alunos de graduação, nos programas de apoio à iniciação científica”, esclarece.

A opção pela dedicação exclusiva, conforme Mota, foi tomada pelo propósito de se dedicar totalmente ao ensino, à pesquisa e à orientação de alunos de pós-graduação, além de outras atividades docentes. Porém, o professor entende ser possível exercer outras atividades fora dos muros da Universidade, desde que aprovadas pelo departamento ou que sejam atreladas às fundações de apoio vinculadas à UFC. “É importante que isso ocorra para proporcionar aos professores uma visão prática que será útil em suas atividades docentes, desde que devidamente aprovadas pela Instituição, para que possa adquirir conhecimentos práticos não

presentes nos livros e em outras publicações, os quais poderão ser transmitidos a seus alunos. Em profissões como Engenharia, Medicina, Odontologia e outras isso é muito importante”, acredita.

Para que um docente modifique seu regime de trabalho na UFC ele precisa, inicialmente, de aprovação prévia por, pelo menos, dois terços dos membros do departamento a que está vinculado e, em seguida, homologar o resultado em seu centro ou conselho departamental. É preciso também que a Comissão Permanente de Pessoal Docente dê parecer favorável ao plano de trabalho formulado pelo professor com sua nova carga horária semanal. Por último, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) se manifesta.

Já o Prof. Charlys Barbosa, Doutor em Ciências Médicas pela Universidade de São Paulo (USP) e um dos responsáveis pela disciplina de Geriatria na Faculdade de Medicina da UFC, entrou para o quadro docente da Instituição em outubro de 2008. Um ano depois, solicitou a retirada do regime de dedicação exclusiva de sua carga horária de trabalho. Antes de ser nomeado docente da UFC, Barbosa era sócio de uma firma de atendimento de emergência e, devido à iminência de vincular-se ao regime DE, foi obrigado a sair da sociedade. Também não pôde aceitar convites para prestar assessorias a empresas privadas.

Seu objetivo, de acordo com ele, foi garantir a oportunidade de prestar serviços à população fora do Campus do Porangabuçu. “Acredito que a sociedade como um todo tem

o direito a ter acesso a pareceres e acompanhamento de profissionais diferenciados, como são os professores da UFC”, explica. Outra questão levantada pelo professor diz respeito ao acesso a tecnologias mais recentes da Medicina, o que, segundo ele, a estrutura do Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC) não proporciona. “Trata-se de uma extensão à formação do professor que ocorre continuamente. Ter acesso à toda tecnologia mais recente e poder trazer esses novos conhecimentos aos alunos da Universidade”.

Barbosa admite, ainda, ter pesado o aspecto financeiro ao optar por deixar de ser um docente DE. Para ele, o salário de um professor universitário federal ainda está aquém ao recebido por médicos da rede privada. Ele entende que o mesmo ocorre com profissionais de cursos como Direito, Arquitetura e Urbanismo e graduações nas áreas de Engenharia. “Tais cursos acabam perdendo a oportunidade de contar com os profissionais mais capacitados e titulados na atualidade principalmente pela exigência inicial de manter a dedicação exclusiva”.

O professor, no entanto, não acredita que a mudança de carga horária comprometa sua capacidade de desempenhar atividades de pesquisa na Universidade. Para ele, organização e estabelecimento de objetivos impedem qualquer possível deficiência. “Temos na Geriatria atividades didáticas na graduação, de pesquisa, de orientação de pós-graduandos e residentes e todas estas se mantiveram a despeito da retirada do regime



Prof. Charlys Barbosa optou pela prestação de serviços à população fora do campus



Profª. Neile Torres: regulamentação da carreira docente passa pela autonomia universitária



Dedicação exclusiva possibilitará ao Prof. Suetonio Mota orientar mais alunos na UFC

DE. Temos atividades de pesquisa em estudos multicêntricos”, diz. Barbosa entende que o regime DE priva o docente de outras atividades, como ser sócio de empresas, prestar serviços de consultoria e atender pacientes fora do Hospital Universitário. “Não vejo estas privações como ações que possam beneficiar as atividades de pesquisa ou quaisquer outras na universidade”, reitera.

Os depoimentos colhidos por *Universidade Pública* são dois caminhos opostos que fizeram o Governo Federal e entidades classistas ensaiarem uma mesa de discussões para tocar o assunto adiante. Dentro do projeto de autonomia das instituições federais de ensino superior, há uma proposta de regulamentação do regime de dedicação exclusiva. A legislação atual diz que os docentes podem “esporadicamente” prestar serviços e serem remunerados por isso. Porém, não deixa claro o que seria “esporádico” e que tipo de serviço poderia ser prestado.


Em acórdão publicado em 2008, o Tribunal de Contas da União também já questionou o trabalho de professores universitários junto a outros órgãos públicos, empresas e organi-

zações, com remuneração adicional, considerando a prática irregular. No mesmo encalço, o Ministério Público Federal já ingressou com Ação por Improbidade Administrativa com sanções a docentes que estariam descumprindo o regime DE, como a devolução de verbas recebidas, eventualmente, por trabalhos prestados fora do âmbito acadêmico.

Segundo Neile Torres, Presidente do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará (ADUFC-Sindicato), o Governo Federal instalou mesa de negociação com os professores das universidades federais há dois anos. No entanto, até o momento não foi feita uma proposta concreta, que poderia incluir, entre outros pontos, a regulamentação do regime DE. “Acredito que este ano a retomada da discussão também não acontecerá, pois é ano eleitoral e o Congresso Nacional não funciona direito”, diz.

De acordo com a professora, a ADUFC-Sindicato não tem posição oficial sobre possíveis mudanças no regime DE dos professores. Antes, promoverá debates e seminários sobre modificações na carreira do-

cente a partir do reinício das negociações entre o Governo Federal e o Fórum de Professores das Instituições Federais de Ensino Superior (Proifes), ao qual está vinculada. No entanto, a Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) já sugeriu propor um projeto de lei que não impeça a prática, mas que apresente limites de tempo, recursos e controle da atividade dos docentes universitários federais fora dos muros das universidades.

Consultada, a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (Sesu/MEC) informou, através de sua assessoria de comunicação, que a discussão sobre o tema envolve questões no âmbito da autonomia universitária. Embora a carreira de magistério superior esteja sendo debatida entre o MEC e os ministérios do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e da Ciência e Tecnologia (MCT), ainda não há qualquer definição que possa ser divulgada. 

Sem limites para a Ciência

A Universidade Federal do Ceará adentra o universo escolar através das olimpíadas de Ciências, consolidando mais uma ação de extensão para melhorar a educação básica

por Simone Faustino

Assim que foi dada a “largada” do Ensino Médio, Yuri Magalhães do Carmo iniciou sua corrida rumo a um seletivo grupo de campeões. Ex-aluno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), o jovem aproveitou a afinidade com números e cálculos para destacar-se na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep). O esforço rendeu-lhe a sonhada vaga no Curso de Ciências da Computação da Universidade Federal do Ceará, no qual segue para o segundo semestre e uma minigaleria de medalhas, que representam um tempo já saudosos.

O estudante participou quatro vezes da olimpíada, sendo premiado com medalhas de bronze (2006 e 2007), ouro (2008) e prata (2009). Na penúltima, foi ao Rio de Janeiro receber a premiação das mãos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o que aumentou mais ainda sua motivação. “Não só fez diferença na minha vida escolar, como também o fará na minha vida profissional. Esses estudos me permitiram maiores notas, facilidade na escolha do meu curso superior e no vestibular”, explica Yuri.

Já universitário, o aluno tornou-se bolsista do Programa de Iniciação Científica-Mestrado (PICME), iniciativa do Governo Federal que acompanha e monitora o desempenho de ex-medalhistas da Obmep que estão no Ensino Superior. “Avalio meu desem-

penho no curso como muito bom, pois estou conseguindo conciliar faculdade, estudos e estágio. Ampliarei mais ainda meus conhecimentos em Matemática, pois, ao concluir o PICME, posso ingressar em um mestrado na área”, afirma, revelando que planos não irão faltar.

Números que orgulham

Com muitas histórias como a de Yuri, a Obmep chega à sexta edição neste ano, traçando sua trajetória de sucesso sem esquecer que nasceu dentro da UFC. Seu coordenador regional, o Prof. Romildo Silva, Chefe do Departamento de Matemática, relembra a gênese da iniciativa, nas-

cida no ano de 2003, ainda com o nome de Projeto Numeratizar. “Foi tudo graças à colaboração do Prof. João Lucas Barbosa, do Departamento de Matemática, e do Ex-Secretário de Ciência e Tecnologia do Estado, Hélio Barros. Foram criados projetos nas áreas de Matemática e Português, que visavam à melhoria do ensino na escola pública”, conta.

Ele salienta que a Obmep só existe devido ao apoio de instituições como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia, Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA).

Dividida em duas fases, sendo a





Professoras Leonilde Jatahy, Vera Montenegro e Liduína Leite transformaram a Olimpíada Cearense de Ciências em realidade



Delegação brasileira que participou da Olimpíada Internacional de Química, em Tóquio, Japão, trouxe medalhas de prata e bronze para o País

primeira realizada em cada escola e a segunda promovida em polos de cada município, a Obmep possui três níveis etários e já conta com grande adesão. “Em 2009, tivemos 99,1% de participação, com a inscrição de mais de 43 mil escolas e 19 milhões de alunos de todo o Brasil. No Ceará, apenas na regional de Fortaleza, inscrevemos 1.823 escolas. Trouxemos para casa 17 medalhas de ouro, perdendo apenas para os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro”, comemora o coordenador.

Todos os medalhistas passam, após a premiação, por um treinamento em Matemática de um ano de duração, e são contemplados com bolsas de Iniciação Científica. “Imagine o que é ser do Interior, com acesso difícil à escola, e viajar de avião para outro Estado, para receber uma medalha de ouro das mãos do presidente? É, talvez, o momento mais emocionante da vida deles”, sintetiza o Prof. Romildo.

Segundo Romildo, o maior objetivo da Obmep é identificar e lapidar talentos, dando oportunidades de crescimento e superação. “Quando você pega um aluno da escola pública e o apresenta ao mundo da Matemática, da Universidade, desperta nele potenciais que dificilmente seriam gerados se não tivesse chegado até ali. Se isso não é inclusão, eu não sei o que é”, finaliza.

Diversidade de conteúdo

Física, Química e Biologia – tudo junto e misturado – dão a tônica da Olimpíada Cearense de Ciências. Destinada a estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio, ela conta com a participação de docentes da UFC em sua coordenação, de diferentes departamentos. Um deles é o Prof. Cleuton Freire, responsável por fazer contatos com escolas públicas e privadas da Capital e do Interior, além da distribuição e aplicação das provas.

Para Cleuton, do Departamento de Física, o melhor de um evento como esse é a possibilidade de con-

gregar e estimular os envolvidos, sejam alunos, professores ou escolas, a ingressarem de maneira participativa na busca de novos desafios. O docente está ainda à frente da Olimpíada Brasileira de Física (OBF), ligada a Sociedade Brasileira de Física e sediada na Seara da Ciência. Os melhores classificados nessa disputa são enviados às Olimpíadas Internacionais de Física, que reúnem cerca de 70 países e 300 estudantes anualmente. “Tanto na OBF quanto na OCC revelamos para a comunidade acadêmica mundial talentos que poderiam passar despercebidos, fechados em suas escolas”, aponta. O que ele não concorda é com a criação de turmas especiais para olimpíadas, com professores específicos e com abordagem distinta dos demais alunos da mesma instituição, atitude comum em algumas grandes escolas de Fortaleza.

Quando a OCC ainda era apenas uma ideia, três professoras começaram a unir esforços para torná-la realidade. Leonilde Jatahy e Vera Montenegro são docentes aposentadas do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica da UFC,

enquanto a pedagoga Liduína Leite foi Secretária de Educação do Município de Fortaleza por duas gestões. Elas formaram uma equipe que lutou para tornar o Núcleo de Ensino de Ciências e Matemática (Necim) projeto de extensão da UFC.

“As olimpíadas são o elo para aproximar a Universidade do Ensino Básico, especialmente o público. Começamos com Química e, dois anos depois, partimos para a de Ciências. A OCC seleciona alunos para a Olimpíada Norte/Nordeste de Química e para as Olimpíadas Brasileiras de Química, Física e Biologia”, relembra a Profª Leonilde. Liduína lamenta apenas que o resultado da OCC com a escola pública ainda seja incipiente. Para ela, a maior interessada – e beneficiada – por uma olimpíada é a escola particular. “Enquanto o aluno da escola privada tem todo aquele aparato, com turmas especiais, quatro aulas semanais de Química, o da pública tem uma aula, quando há. É muito séria a situação do Ceará e do Nordeste em Educação”, sentencia.

Leonilde frisa que o trabalho é “de formiguinha” e que as coisas não mudam em curto prazo, embora ela e as

colegas já vislumbrem transformações. “No Interior, temos uma grande adesão da escola pública. A cada ano, surpreendemo-nos com o salto de qualidade. Nossas questões exigem que o aluno pense e raciocine, o que diminuiu muito o ensino de Ciências com base no velho ‘bizu’. Matérias de jornal e até acidente doméstico daqui de casa já viraram questões de prova”, afirma, entre risos.

A fórmula do saber

Os nomes lembram provas esportivas, mas o que se mede nessas competições é a habilidade com fórmulas, análise de substâncias e instrumentos químicos. Nascidas respectivamente em 1998 e em 1986 (com reativação em 1994), a Maratona Cearense de Química e a Olimpíada Brasileira de Química (OBQ) têm o “dedo” de gente da UFC. A primeira é coordenada pelo Prof. Antônio Carlos Magalhães, do Departamento de Química Analítica e Físico-Química, e a segunda, pelo Prof. Sérgio Maia Melo, já aposentado do Departamento de Química Orgânica e Inorgânica.


A Maratona abrange do 8º Ano do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio, e tem servido para superar o mito de que a Química é um bicho-de-sete-cabeças. “Na escola básica ainda há um misticismo quanto a ela, e a grande maioria tem certo receio de se engajar no concurso, por desinformação ou medo de não saber aplicar aquilo que aprendeu”, explica Magalhães.

A OBQ foi criada no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP) ainda com tímidos 186 participantes. O número cresceu para os 164 mil candidatos atuais, e a olimpíada consolidou-se como uma das mais bem-sucedidas. O Prof. Sér-

gio Melo lembra que o caminho foi longo, e os esforços para aumentar a capilaridade da OBQ foram frutos de um diagnóstico feito pelo próprio curso de Química da UFC. “A baixa procura, o nível dos ingressantes, a evasão e o jubilamento resultavam em um número de formandos muito reduzido. A criação da OBQ veio como tentativa de sanar esses problemas”, ressalta, frisando que a atual coordenação nacional fica localizada aqui.

Os alunos mais bem colocados nacionalmente participam de cursos de aprofundamento em Instituições de Ensino superior de renome, além de concorrer nas etapas do exterior: a International Chemistry Olympiad – ICO (julho) e a Olimpíada Ibero-Americana de Química (outubro). O professor lamenta apenas a posição da escola pública como coadjuvante, embora haja casos pontuais de sucesso, sempre creditados ao esforço e interesse dos próprios estudantes.

Grande motivo de comemoração é o caminho trilhado por muitos ex-medalhistas da OBQ: o ingresso nos cursos superiores de Química em instituições como a UFC e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Também já contabilizamos ex-olímpicos matriculados em cursos de pós-graduação em Química, e admitidos como docentes do Ensino Superior”, orgulha-se.

Quando falou a UP, o professor acompanhava a delegação brasileira na 42ª ICO, realizada na Waseda University, em Tóquio, Japão. Era grande a expectativa pelos resultados. Na solenidade de premiação, realizada dia 27 de julho, quatro estudantes brasileiros estiveram dentre os vitoriosos. Jéssica Okuma e André Silva Franco, ambos de São Paulo, foram premiados com bronze. Já Levindo Garcia Quarto e Raul Bruno Machado da Silva trouxeram para Fortaleza uma prata e um bronze, respectivamente, para compor a já numerosa galeria de cearenses “olímpicos”. 

Preparados para o novo modelo

Parceria firmada entre UFC e Seduc empreende projeto de capacitação de professores da rede pública sobre o Enem

Desde o início de junho, a Universidade Federal do Ceará e a Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc) vêm caminhando juntas em uma iniciativa que visa à atualização do corpo docente da rede estadual de ensino sobre o novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), adotado em fevereiro como ferramenta de acesso pela Universidade. O projeto interinstitucional "ENEM na escola" iniciou suas atividades através da realização de jornadas educativas, durante o mês de junho, sobre as metodologias do exame em todas as Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDES) do Estado.


As jornadas reuniram professores da educação básica de diversos municípios, concentrando, em uma única cidade, atividades de esclarecimento e sensibilização, para efetivar o ENEM como ferramenta democrática de acesso à Universidade. O segundo momento do projeto foi o lançamento do "Blog do ENEM", em funcionamento desde o final de junho no endereço eletrônico www.virtual.ufc.br/enem. O espaço reunirá novidades e documentos importantes, dirigidos aos professores e estudantes interessados em saber mais sobre o novo processo seletivo da UFC. Há a possibilidade de tirar dúvidas, participar de discussões virtuais e conferir novidades sobre a prova e o Sistema de Seleção Unificada (SiSU).

A equipe responsável pela atualização do Blog do ENEM é formada pelos professores Henrique Sérgio Pequeno, do Instituto UFC Virtual, e Claudete Lima, do Departamento de Letras Vernáculas.

"Queremos que o estudante da escola pública entenda o Exame, saiba que pode se inscrever e o veja como uma possibilidade

concreta de ingressar no Ensino Superior", explica o Vice-Reitor da UFC Henry Campos, que participa da comissão organizadora do projeto ENEM na escola, juntamente com representantes da Coordenadoria de Concursos, da Pró-Reitoria de Graduação, do Instituto UFC Virtual, além da Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola (CDESC) e de outras instâncias da Seduc.

Em seu momento inicial, o projeto previa a realização das jornadas e a inauguração do blog, mas em breve outros eixos de atuação serão concretizados, como a produção e distribuição de material didático (cartilhas, fôlderes e vídeos); a implantação de um Programa de Desenvolvimento Docente, no qual serão promovidas oficinas de atualização para professores da rede pública sobre os referenciais teóricos do ENEM (elaboração de itens); e a elaboração de plataforma virtual composta de site, lista de discussão, simulador de questões e acervo de textos.

A principal metodologia a ser usada pelo programa é baseada na aprendizagem cooperativa, já consolidada pelo trabalho do Programa de Educação em Células Educacionais (Prece) da UFC. O orçamento do projeto está situada em torno de R\$ 7 milhões, e o documento contendo a previsão de recursos e as linhas gerais de atuação foram apresentadas ao Ministro da Educação Fernando Haddad, quando de sua visita à Capital cearense, no dia 14 de junho. 

SAIBA MAIS
Blog do ENEM
www.virtual.ufc.br/enem

FCPC e UFC: Rumo a excelência no desenvolvimento científico do Ceará



Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura

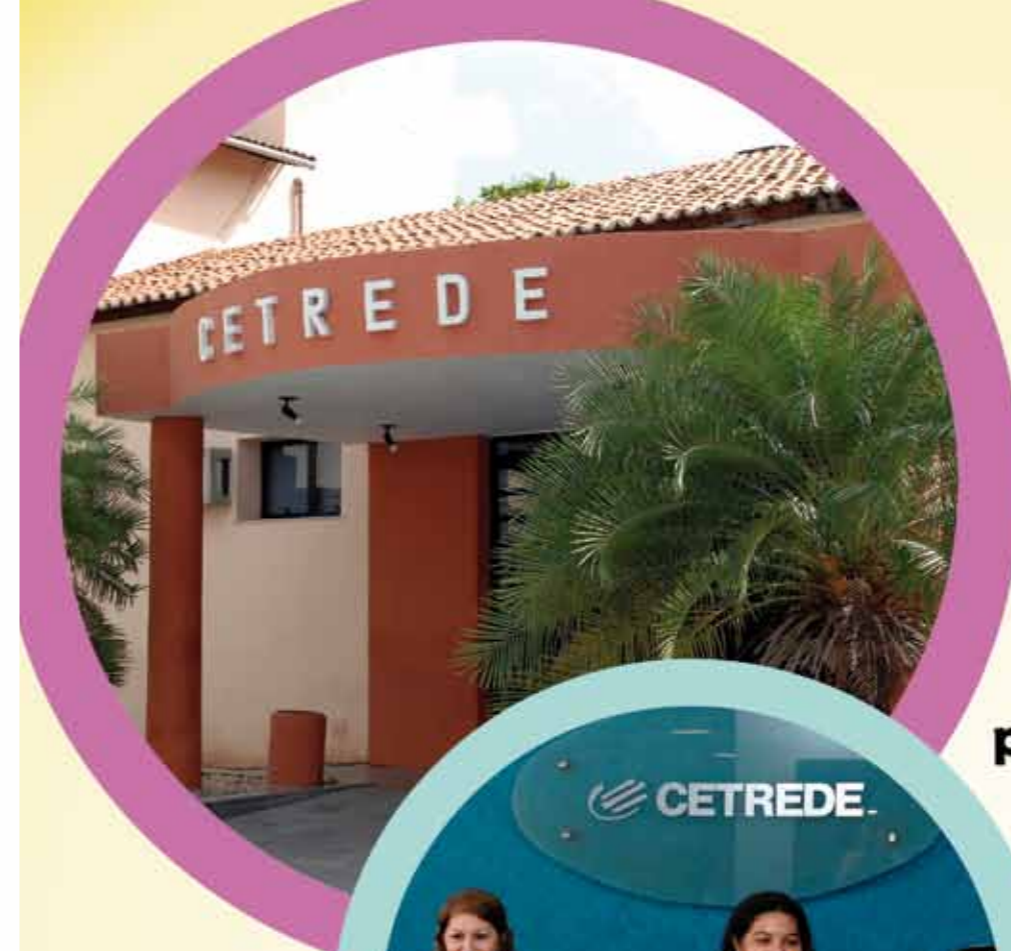
Av. da Universidade, 2995 - Benfica - CEP: 60.020-181
Fortaleza/CE. Fones: (85) 3243. 1620; 3281. 3444 - Fax: 3243. 5381
www.fcpc.ufc.br



EUREKA!

O CAMPUS EM QUADRINHOS

ROTEIRO E DESENHO
FRED MACEDO
ROTEIRO E CORES
FELIPE LIMA
oficina.quadrinhos.ufc@gmail.com OFICINA DE QUADRINHOS - UFC



O CETREDE
acredita que a
educação

é o caminho mais seguro
para a promoção do
crescimento social.



É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.

Crédito para Investimento do Banco do Nordeste. Sua empresa merece este investimento.

Melhor
para a sua
empresa



Com o Crédito para Investimento do Banco do Nordeste, sua empresa pode contar com todo o apoio para implantação, ampliação ou modernização de negócios dos mais diversos setores. Tudo isso com **as menores taxas do mercado e até 12 anos para pagar**. Passe em uma agência do Banco do Nordeste e conheça este e outros produtos do melhor banco para a sua empresa.

**Banco do
Nordeste**



Cliente Consulta | Ouvidoria:

0800 728 3030

www.melhorparasuaempresa.com.br